

Erica Reviglio Iliovitz

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## **Uma Análise Prosódica dos Lapsos da Língua**

Dissertação apresentada ao curso de  
Linguística do Instituto de Estudos da  
Linguagem como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em  
Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Ester Mirian Scarpa

UNICAMP  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2001

01011008

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	30		
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP		
	IL 5a		
V.	Ex.		
TOMBO BC/	44708		
PROC.	16.392/03		
C	<input type="checkbox"/>	D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREC.º	R\$ 11,00		
DATA	14/06/03		
N.º CPD			

CM00157742-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

IL5a	<p>Iliovitz, Erica Reviglio</p> <p>Uma análise prosódica dos lapsos da língua / Erica Reviglio Iliovitz. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.</p> <p>Orientador: Ester Mirian Scarpa</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Psicolingüística. 2. Versificação. 3. Erro. I. Scarpa, Ester Mirian. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
------	--

---

Prof. Dr. Edson Françaço

---

Profª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

*Scarpa*

---

Profª. Dra. Ester Mirian Scarpa - Orientadora

este exemplar e a recepção final da tese  
defendida por Érica Reviglio Iliovitz

e aprovada pela Comissão Julgadora em

03, 04, 2001.

*Scarpa*

## **DEDICATÓRIAS**

Dedico este trabalho

aos meus pais

e a todos aqueles que se dispuserem a ler e a usufruir da análise aqui apresentada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de modo especial:

- a Edson Françaço, pelas indicações de leitura;
- à Gladis Massini-Cagliari, pelos comentários e indicações bibliográficas;
- à Maria Irma Hadler Coudry, a Maza, pelas valiosas observações;
- à Maria Bernadete Marques Abaurre, pelas sugestões apresentadas;
- à Lilian Zaniboni, pelos exemplos fornecidos;
- à Raquel Santana Santos, pela paciente revisão das árvores sintáticas;
- à Ester Mirian Scarpa, pela orientação e pela “maternidade acadêmica”;
- e a todos que, de alguma forma, colaboraram na realização deste trabalho.

"(...) a complacência do material lingüístico é que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites."

Sigmund Freud in: **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana.**  
São Paulo: Ed. Imago, 1987, p.194 -195.

## SUMÁRIO

0. Introdução .....	p. 19
---------------------	-------

### **Capítulo 1 - Lapsos, Erros e Parafasias**

1.1. Definindo o Lapso: dois enfoques .....	p. 23
1.2. Lapsos e Erros em Adultos e Crianças .....	p. 31
1.3. O Estatuto do Lapso na Lingüística e na Psicanálise .....	p. 35
1.4. Lapsos e Parafasias: os Processos Metafóricos e Metonímicos .....	p. 39

### **Capítulo 2 – Classificação e Contextualização dos Lapsos**

2.1. Lapsos Paradigmáticos e Sintagmáticos .....	p. 45
2.2. Fontes e Efeitos dos Lapsos .....	p. 51

### **Capítulo 3 – Metodologia**

3.1. A Coleta de Dados .....	p. 59
3.2. Os Dados no Contexto Prosódico .....	p. 63
3.3. Lapsos, Metalapsos, Hesitações e Reformulações .....	p. 65
3.4. Uma Metodologia Experimental: o Paradigma do Trava- Língua .....	p. 71
3.5. Opções e Justificativas Metodológicas .....	p. 77

### **Capítulo 4 – Uma Análise Prosódica**

4.1. Objetivos e Parâmetros .....	p. 79
4.2. Definindo a Prosódia .....	p. 81
4.3. Algumas Hipóteses .....	p. 87
4.4. Descrição dos Dados .....	p. 91
4.5. Análise dos Dados .....	p. 117
4.6. Análise Comparativa: Lapsos na escrita .....	p. 123
<b>Capítulo 5 – Conclusões .....</b>	<b>p. 125</b>
<b>Anexo: dados .....</b>	<b>p. 129</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>p. 137</b>

## RESUMO

Lapsos da língua são fenômenos lingüísticos que exibem uma fronteira entre o esperado e o inesperado. Todavia, tanto lapsos quanto disfluência e erros normativos têm sido tratados sob a égide genérica de desvios. A abordagem dos lapsos pela literatura revela uma concepção lingüística que separa conhecimento (perfeito) e uso (imperfeito) da língua. Admitindo que os lapsos fazem parte do sistema da língua no qual o sujeito se insere e pelo qual ele se constitui através de relações, eles podem ser analisados como rupturas com a estabilidade de significação promovida pela subversão dos eixos metafórico (ou paradigmático) e metonímico (ou sintagmático), ao invés de desvios. A coleta de dados em situação ambiente é preferível à gravação de dados em laboratório porque experimentos controlados não revelam facetas do funcionamento da linguagem tratados aqui, como o cruzamento paradigmático e sintagmático de dizeres restringidos pela estrutura prosódica do enunciado. Os dados foram colhidos em conversas informais. Também foram utilizados os dados do Projeto NURC, armazenados em fitas cassete. O modelo usado para analisar os dados foi o de Nespor e Vogel (1986). Na análise, os lapsos foram classificados como paradigmáticos e sintagmáticos. Com relação à estrutura prosódica dos lapsos, foi concluído que os lapsos ocorrem, em ordem decrescente de probabilidade, entre frases fonológicas dentro de uma frase entonacional e entre frases entonacionais dentro de um enunciado fonológico, mas nunca entre enunciados fonológicos. Além disso, eles ocorreram na palavra sobre a qual recai o acento nuclear da frase entonacional. Em relação à estrutura silábica, houve troca mútua entre *onsets* das sílabas de palavras, preservando-se a rima. A literatura hipotetiza que os lapsos ocorrem numa seqüência de sete sílabas ou palavras. A análise mostra, porém, que, embora os lapsos ocorram dentro de trechos relativamente curtos dos enunciados, as sílabas envolvidas não devem ser vistas linearmente, mas estruturadas e parentetizadas segundo domínios da hierarquia prosódica.

## SUMMARY

Slips of the tongue are a linguistic phenomenon which shows a frontier between what is expected and what is unexpected. However, slips of the tongue, together with disfluencies and grammatical mistakes have been treated under the label of deviations or deviant speech from an idealized, perfect language. We assume that that slips of the tongue take part on the language system in which subjects are inserted and through which they constitute themselves. As a linguistic phenomenon, slips of the tongue can be analyzed as a rupture with the stability of meaning promoted by a subversion of both the metaphorical (or paradigmatic) dimension and the metonymical (or syntagmatic) one, rather than deviations. The analysed data were collected through notes taken from everyday situations. This method seemed to be preferable to data recording in laboratory because controlled experiments do not reveal aspects of language system such as the crossing of the paradigmatic/sintagmatic dimensions restricted by the prosodic structure of the speech. Data were collected in informal conversations. NURC Project data were also considered. The Nespov and Vogel's model (1986) was used to analyse the data. Slips of the tongue were classified as paradigmatic and syntagmatic ones. With regard to their prosodic structure, syntagmatic slips are most likely to occur between phonological phrases inside an intonational phrase and between intonational phrases within a phonological utterance, but not between phonological utterances. Most of the paradigmatic slips occurred in the word that bears the nuclear stress in the intonational phrase. As for the syllabic structure, there were exchanges between onsets in words syllables, whereas the rhyme was preserved. It is suggested in the literature that slips of the tongue occur in a sequence of seven syllables or words. This analysis shows, however, that although slips occur in short stretches of utterance, the syllables which are involved in them should not be seen as a linear sequence, but rather as part of the structure of upper domains of the prosodic hierarchy .

## 0. Introdução

O lapso da língua é um fenômeno lingüístico simultaneamente intrigante e polêmico, entre outras coisas, porque exhibe uma fronteira entre o esperado e o inesperado. Uma das polêmicas relativas aos lapsos se refere particularmente à frequência de manifestação: uns o consideram raros (“mesmo os tipos mais familiares de lapsos são eventos surpreendentemente raros”- BOCK & LEVELT 1994:949), enquanto outros afirmam que eles são bastante comuns (“se você começar a ouvi-los cuidadosamente, você observará alguns deles todos os dias” - GARRETT 1990:159).

No reino da linguagem, tanto lapsos quanto disfluência e “erros escolares” (isto é, formas dialetais diferentes da norma padrão ou hipercorreções tais como por exemplo “*fazem* 10 anos que ele morreu”) têm sido tratados sob a égide genérica de “desvios”, ou formas e dizeres desviantes de uma língua idealizada e perfeita. Na verdade, os chamados “erros escolares” corresponderiam aos desvios da norma culta (considerados, neste caso, um “problema de domínio gramatical”), enquanto que os lapsos e os trechos disfluentes da fala têm sido vistos como “problemas de elaboração” que se encontram nas fronteiras entre “certo” e “errado”, ou entre o que se pretendia dizer e o que foi dito efetivamente. Desta forma, tanto lapsos quanto disfluência (cf. SCARPA, 1995) têm sido considerados como argumentos (equivocados, segundo a autora) que revelariam uma separação entre conhecimento (perfeito) e uso (imperfeito), entre competência e desempenho.

Neste sentido, o estudo do estatuto do lapso representa um exercício teórico e metodológico útil para o esclarecimento de certos aspectos do funcionamento da língua, uma vez que o lapso, enquanto “erro”, convoca a uma interpretação que toca necessariamente a confluência de diversos aspectos aparentemente conflitantes da linguagem.

Neste trabalho, serão analisados os aspectos prosódicos de lapsos da língua produzidos oralmente por falantes nativos adultos do Português do Brasil. Todos os lapsos foram produzidos de maneira espontânea e em situação ambiente.

No Capítulo 1, são apresentadas definições para os lapsos de acordo com duas concepções distintas: uma que fundamentalmente considera os lapsos como distúrbios de processamento lingüístico e outra que encara os lapsos como cruzamento de dizeres. Além disso, será esboçada uma possível distinção entre lapsos e erros cometidos tanto por adultos quanto por crianças. O estatuto do lapso na Lingüística e na Psicanálise será discutido de modo a traçar um paralelo entre linguagem e inconsciente, bem como entre aquilo que é considerado normal (lapsos) e patológico (parafasias) na linguagem. As relações metafóricas e metonímicas serão selecionadas como eixos de ocorrência dos lapsos.

O Capítulo 2 apresenta uma proposta de classificação dos lapsos baseada nos aspectos discutidos anteriormente. Também são analisados os possíveis efeitos que os lapsos podem causar no interlocutor e fontes de ocorrência de lapsos.

No Capítulo 3, será discutida a metodologia empregada na coleta e análise prosódica dos dados deste trabalho, bem como serão caracterizados outros fenômenos presentes na linguagem oral, tais como metalapsos, hesitações e reformulações, de modo a distingui-los dos lapsos. A indução de lapsos em laboratório será discutida em função de um experimento conhecido como “paradigma do trava-língua”. Finalmente, serão explicitadas as opções e justificativas metodológicas adotadas.

No Capítulo 4, será realizada a análise prosódica proposta, logo após à definição dos objetivos e parâmetros e da prosódia propriamente dita. Num primeiro momento, são levantadas algumas hipóteses referentes à manifestação dos lapsos. Num segundo momento, é feita uma descrição basicamente semântica, sintática, fonética e fonológica dos dados. Em seguida, realiza-se uma análise comparativa entre lapsos da língua e deslizes lexicais na escrita.

O Capítulo 5 apresenta as conclusões obtidas. Após a análise dos dados, é traçado um paralelo entre os resultados obtidos neste estudo e os resultados constatados por outros autores. Foram verificados indícios de ocorrência de lapsos em trechos do enunciado sobre os quais incide o acento nuclear (foco da sentença) e tendência de manifestação dos lapsos dentro de frases entonacionais ou entre elas, mas não entre enunciados fonológicos. Em relação à estrutura silábica, houve uma considerável troca mútua entre *onsets* das sílabas de duas palavras adjacentes e/ou uma troca de *onsets* entre sílabas correspondentes ao que se pretendia dizer e ao que foi dito efetivamente (i.e., sílabas iniciais substituíram iniciais, finais substituíram finais e nucleares substituíram nucleares).

# Capítulo 1

## Lapsos, Erros e Parafasias

### 1.1. Definindo o Lapso: dois enfoques

O que é um lapso? Respostas para essa questão são bastante controversas. A dificuldade de se encontrar uma definição para o fenômeno provavelmente é devida ao fato de que ele sempre foi considerado como um fenômeno desviante, e, em função disso, colocado para "fora da língua". Os termos geralmente empregados para defini-lo são "desvio" ou "erro" (e todo desvio implica um "caminho correto/certo/adequado" que foi abandonado, assim como todo erro remete a um acerto).

Num percurso bibliográfico razoavelmente abrangente da literatura, foram encontradas apenas duas definições de lapsos (que, em inglês, são conhecidos como *slips of the tongue*, *speech errors* ou simplesmente, *lapses*). Uma delas, encontrada num dicionário, foi reproduzida por HOTOPF (1980) e é particularmente vaga; a outra, mais precisa, é tomada como referência por outros autores (cf. FROMKIN, 1971; TALO, 1980). As definições são as seguintes:

"Um lapso da língua, de acordo com o *Shorter Oxford Dictionary*, é um "desvio ou erro não-intencional na escrita, fala, etc". (HOTOPF 1980:104, grifo meu)

“Um lapso da língua (...) é um desvio involuntário no desempenho do falante a partir de uma intenção fonológica, gramatical ou lexical que esteja em andamento”. (BOOMER & LAVER 1973:123, grifo meu).

É interessante notar que ambas as definições utilizam os termos “não-intencional” e “involuntário” para caracterizar o lapso. Mas até que ponto o lapso é um fenômeno lingüístico que não depende da vontade do falante? E quanto aos lapsos presentes em piadas, que são produzidos intencionalmente pelos humoristas? Essas questões serão discutidas adiante <sup>1</sup>.

Ambas as definições destacam não só o caráter desviante do lapso, mas também remetem à separação entre conhecimento e uso da linguagem.

Alguns lapsos em português como

(1) É urina de guitarra (por “é urina de cigarra”, num contexto em que um jovem faz comentário a respeito de gotas que caem da árvore

ou

(2) O catarro dele está cheio de peito (por “o peito dele está cheio de catarro”, num comentário a respeito de um bebê que está tossindo)

ou ainda

(3) Você viu que vai ter dançar jantante? (por “você viu que vai ter jantar dançante?”, ao se fazer uma pergunta)

---

<sup>1</sup> A primeira questão remete à relação entre Lingüística e Psicanálise, que será discutida em 1.3. *O Estatuto do Lapso em Lingüística e Psicanálise*. A segunda questão será discutida em 2.2. *Fontes e Efeitos do Lapsos*.

têm sido estudados sob diversos enfoques. Dentre eles, dois são especialmente representativos: as sistematizações feitas por autores que estudam o mecanismo de produção e compreensão da linguagem e encaram os lapsos como evidências para modelos de processamento lingüístico (exs: GARRETT, 1990; LEVELT, 1989; SCLiar-CABRAL, 1991), e as análises realizadas por pesquisadores que os interpretam como resultados de relações estabelecidas pelo sujeito com a língua e com o Outro (a língua ou outro sujeito) (cf. LEMOS, 1992; FIGUEIRA, 1996).

Basicamente, os primeiros autores fragmentam o lapso em função de propriedades formais. Eles o analisam a partir de aspectos semânticos, sintáticos, fonéticos, fonológicos, etc, e verificam os elementos envolvidos na manifestação do lapso, que pode se dar tanto através de uma substituição de palavra quanto através de uma adição, perda ou amálgama de segmentos, fonemas, sílabas ou palavras inteiras, dentre outras possibilidades. Esses estudos se baseiam principalmente na análise de amostragens dos resultados obtidos em testes de laboratório, apesar de haver também, em menor escala, análises que privilegiam o estudo de dados colhidos em situações não-controladas experimentalmente. Além disso, para esses autores, os lapsos são atribuídos a distúrbios ou falhas de processamento da linguagem, situação em que o desempenho é falho, muito embora representações mentais permaneçam razoavelmente preservadas. Em outras palavras, os lapsos se revelam no desempenho e são considerados falhas da fala em alguma instância.

Outros pesquisadores, que têm estudado aquisição da linguagem, por sua vez, interpretam o lapso como o produto de formulações e reformulações lingüísticas realizadas pelo sujeito na relação com a língua e com o Outro. Nesse sentido, os “erros” que a criança comete são considerados dados privilegiados no estudo da linguagem na medida que eles podem revelar e evidenciar determinados procedimentos lingüísticos do sujeito (cf. FIGUEIRA, 1996). Além disso, a linguagem é vista como um sistema no

qual o sujeito se insere e no qual e pelo qual ele se constitui através de relações. Desta forma, esses estudiosos negam que haja uma separação entre conhecimento e uso da linguagem. Eles argumentam a favor dessa possibilidade ao postularem que “erros” ocorrem na produção lingüística justamente porque fazem parte da língua e da relação do sujeito com ela. Em outras palavras, de acordo com essa perspectiva, tanto “erros” quanto “lapsos” estão inseridos no funcionamento lingüístico como um todo, revelando-se sob condições não-aleatórias, i.e., obedecendo a determinados princípios da linguagem na qual eles se manifestam. Assim, ao se privilegiar o estudo dos lapsos em sua manifestação oral, eles podem ser encarados como um *cruzamento de discursos* em determinados pontos da cadeia sonora, que envolvem uma *ruptura com a estabilidade de significação* (cf. LEMOS, 1992).

A interpretação do lapso também pode ser feita em um outro plano de análise, no qual ele é considerado uma falha no processamento lingüístico de uma representação mental. Essa é a concepção de alguns autores, tais como LEVELT 1989, por exemplo.

LEVELT 1989 admite que os lapsos se manifestam durante o desempenho do falante, que tem uma *intenção comunicativa* (i.e., uma mensagem pré-verbal) a ser expressa. Essa intenção comunicativa seria monitorada e gerada por um *Conceitualizador*. O processo de elaborar a intenção comunicativa se daria através da seleção de moldes significativos correspondentes àquilo que o falante pretende produzir. Esse processo é chamado de “macroplanejamento”. Em seguida, para executar oralmente suas intenções, ele realiza o “microplanejamento”, processo em que se efetua a busca lexical, baseada na significação das palavras.

O significado dos itens e suas propriedades formais (informações semânticas, sintáticas e morfológicas) são acessados de modo a estruturar “lemas” (parte não-fonológica da informação de um item lexical) e, “(...) depois de buscar as formas fonológicas para os lemas (...), o falante pode construir um plano fonético ou

articulatório para a pronúncia” (LEVELT 1989:7). Em outras palavras, a princípio o falante elabora uma idéia ou intenção comunicativa; depois, seleciona informações e expressões que ele julga serem as mais adequadas para expressar suas intenções, buscando itens lexicais em função da sintaxe e da semântica, de maneira a moldar uma estrutura daquilo que vai ser dito. Após a moldagem desse discurso interno, ele passa a estruturar, através de sons, uma forma de dizer aquilo que ele pretende.

LEVELT sugere que o falante se utiliza de dois dispositivos para formular seu discurso oral: o *Codificador Gramatical* e o *Codificador Fonológico*, que fariam parte de um dispositivo mais amplo chamado de *Formulador*.

O Codificador Gramatical consiste em procedimentos para acessar tanto lemas quanto procedimentos de construção sintática. “Quando todos os lemas relevantes forem acessados e todos os procedimentos de construção sintática tiverem feito seu trabalho, o Codificador Gramatical terá produzido a estrutura superficial – uma seqüência ordenada de lemas agrupados em frases e sub-frases de vários tipos” (LEVELT 1989:11).

O Codificador Fonológico, por sua vez, recuperaria ou construiria um plano fonético ou articulatório para cada lema e para a pronúncia como um todo. A maior fonte de informação a ser acessada nesse caso é a *forma lexical*, i.e., a informação do léxico a respeito da composição interna de cada item. Além da informação do lema, um item lexical contém informação a respeito da morfologia e fonologia, que vários procedimentos fonético-fonológicos irão modificar ou especificar.

O plano fonético, que é resultado da Codificação Fonológica, ainda não é o discurso propriamente dito, pois consiste apenas em uma representação interna de como a pronúncia planejada deve ser executada. Trata-se de um programa para a articulação.

Finalmente, um *Articulador* realiza o plano fonético como séries de instruções neuromusculares.

Desta forma, os lapsos seriam falhas de processamento na medida que “(...) o Codificador Gramatical, responsável pelo acesso aos lemas, (...) acessaria um lema ao invés de outro não apenas em relação ao conceito a ser expresso, mas também levando em consideração a morfologia designada à palavra anterior, ao padrão de entonação da frase em andamento, a próxima intenção que o falante acabou de formular e assim por diante” (LEVELT 1989:15).

Em outras palavras, análises como essas procuram depreender os mecanismos de produção da linguagem, nos quais os lapsos seriam o resultado de falhas no monitoramento do falante, i.e., *distúrbios de processamento da representação mental*.

O enfoque do presente trabalho, porém, não é em características de processamento que possam fornecer uma explicação para a produção dos lapsos; na verdade, ele consiste em verificar algumas restrições lingüísticas para a ocorrência de lapsos através da observação de *aspectos prosódicos que eles apresentam em situações discursivas cotidianas*.

Para concluir, convém citar que os lapsos também podem ser caracterizados mais especificamente em função de algum aspecto lingüístico em particular, como ocorre com os *malapropismos e esponerismos*.

*Malapropismo* é um lapso da língua caracterizado por substituições de palavras foneticamente semelhantes com significados diferentes<sup>2</sup>. A seleção errônea é uma palavra existente no léxico que não tem nenhuma relação semântica com a palavra-alvo<sup>3</sup>, mas sim uma pronúncia semelhante a ela (*in* FAY&CUTLER 1977:505). Alguns

---

<sup>2</sup> O nome é uma referência a uma personagem de Sheridan chamada Mrs. Malaprop, que cometia lapsos dessa natureza.

<sup>3</sup> " 'Palavra-alvo' é a palavra que o falante pretendia dizer quando cometeu o lapso" (BOOMER & LAVER 1968/1973:124).

exemplos desse lapso seriam pares do tipo "palavra-alvo"/"malapropismo" tais como: "posição"/"condição"; "subjetivo"/ "sugestivo"; "conclusão"/ "confusão"; etc<sup>4</sup>.

*Esponerismo* também tem uma referência nominal: o Reverendo William Spooner, que cometia erros caracterizados pela troca de posição dos sons iniciais das palavras, como em por exemplo “*dançar jantante*” (por “*jantar dançante*”).

---

<sup>4</sup> Exemplos extraídos e traduzidos de FAY & CUTLER 1977. São exemplos descontextualizados que não permitem a verificação da existência de algum outro tipo de relação entre a palavra-alvo e o malapropismo na situação de ocorrência discursiva.

## *1.2. Lapsos e Erros em Adultos e Crianças*

Qual é a diferença entre lapsos e erros? Será que tanto os adultos quanto as crianças cometem lapsos e erros, ou não?

Para responder essas questões, é preciso adotar uma convenção a partir da definição de lapso aqui adotada, devido à ausência de critérios objetivos para discernir erros de lapsos.

Admitindo que o lapso é um cruzamento de discursos, o que seria o erro?

De acordo com POSSENTI 1996, há dois tipos de erros, que ele chama de “erros escolares”: o primeiro tipo se refere à utilização de “variantes não padrões em situações nas quais a variante padrão seria exigida” – tais como erros “ortográficos ou gramaticais em sentido mais amplo (concordância, regência etc)”; o segundo tipo de erro “decorre de estar o aluno aprendendo uma variedade nova”<sup>5</sup>.

Desta forma, tanto o adulto quanto a criança cometem erros vulgarmente conhecidos por “erros gramaticais” ou erros produzidos em decorrência do aprendizado de variedades da própria língua materna ou mesmo de uma língua estrangeira (aprendizado de segunda língua).

Baseados na concepção de linguagem presente neste trabalho, que envolve um sistema de relações do sujeito com a língua e com o Outro (cf. LEMOS 1982, 1986 etc), adotaremos a convenção de que o lapso seria cometido apenas por adultos falantes nativos de uma língua. De acordo com essa convenção, a criança não cometeria lapsos, e a diferença entre erros e lapsos cometidos por adultos dependerá da situação discursiva de ocorrência.

Vejamos agora como justificar essa convenção.

---

<sup>5</sup> POSSENTI 1996:86-87.

A linguagem é um sistema no qual o sujeito se insere e na qual e pela qual ele se constitui através de relações<sup>6</sup>. O início da inserção do sujeito no sistema lingüístico começaria na infância através da mediação do adulto. Essa inserção sofreria mudanças à medida que ela constrói e reconstrói suas relações com “(...) o outro como instância representativa da língua, [e com] a própria língua em seu funcionamento (...)”, uma vez que “a criança enquanto sujeito falante” está inserida na mesma estrutura de funcionamento da língua “(...) em que se move o adulto (...)”<sup>7</sup>.

De acordo com LEMOS 1999, a criança assumiria três posições no processo de aquisição da linguagem.

Na primeira posição, o pólo dominante é o Outro; na segunda posição, o pólo dominante é a língua em si, o estatuto do outro e do sujeito; e, na terceira posição, o pólo dominante é o sujeito, o estatuto da língua e o outro<sup>8</sup>.

Ao privilegiar o Outro, a língua e o sujeito, respectivamente, durante o processo de aquisição da linguagem pela criança, LEMOS argumenta que, num primeiro momento, a criança é exposta ao Outro, i.e., a fragmentos da fala do outro; em seguida, a língua captura a criança e, finalmente, ela acaba se constituindo como sujeito emergente *na língua e através dela*.

Assim, a criança comete erros no decorrer desse processo em consequência da “(...) mudança na direção de se tornar um intérprete da fala do outro e de sua própria fala a partir de uma outra relação com a língua”<sup>9</sup>. Nesse sentido, os erros, “(...) ao mostrarem divergências da fala da criança com relação à fala de seu interlocutor adulto, indiciavam um movimento de independência que merecia ser interpretado”<sup>10</sup>.

Alguns os interpretaram como “(...) indícios comportamentais de processos de reorganização de um estado de conhecimento anterior” sinalizando, “(...) então, um

---

<sup>6</sup> Apud CAVALCANTE 1999:89.

<sup>7</sup> LEMOS 1999:1.

<sup>8</sup> Apud LEMOS 1999:3.

<sup>9</sup> LEMOS 1997:4.

estado mais avançado de conhecimento da língua, e não uma mudança de posição da criança relativamente à língua e, em consequência, à fala do outro”<sup>11</sup>.

Interpretar os enunciados da criança como produto de relações entre fragmentos e enunciados do adulto e inferir dessas relações um movimento de resignificação desses fragmentos e da própria posição da criança na língua<sup>12</sup> é admitir que “não há como eliminar da relação do falante com a sua língua materna nem a fala do outro e seu efeito, nem o movimento da língua e seu efeito tanto de estabilização [consolidação de categorias e estruturas] quanto de ruptura e estranhamento [produção de enunciados insólitos]”<sup>13</sup>.

A interpretação dos enunciados produzidos pela criança se dá “(...) em tensão entre uma *identificação ou reconhecimento* de uma língua (...) e um *estranhamento* provocado pelos deslocamentos causados pelos movimentos da língua e que dão lugar a enunciados insólitos, arranjos desconcertantes entre os significados incorporados”<sup>14</sup>.

Assim, a *interpretação* se caracteriza pelo efeito da fala do adulto na fala da criança e vice-versa; é o movimento da língua atravessando o sujeito<sup>15</sup>.

“Nesse sentido, vê-se que a interpretação não é previsível. Ela é o efeito da contingência, que instaura uma tensão entre *o reconhecimento e o estranhamento*”<sup>16</sup>.

Na verdade, a interpretação como efeito do movimento da língua promove a inserção da criança na língua; ou, nas palavras de CAVALCANTE, “(...) é através da interpretação que o adulto dá sustentação à fala da criança, inserindo-a na língua”<sup>17</sup>.

---

<sup>10</sup> LEMOS 1999:4-5.

<sup>11</sup> LEMOS 1999:5.

<sup>12</sup> *Apud* LEMOS 1997:5.

<sup>13</sup> LEMOS 1997:16.

<sup>14</sup> CASTRO 1997:128, grifos meus.

<sup>15</sup> *Apud* CAVALCANTE 1999:90.

<sup>16</sup> CASTRO 1998:84-85, grifo meu.

<sup>17</sup> CAVALCANTE 1999:17.

Desta forma, interpretar os enunciados produzidos pela criança (sobretudo aqueles que provocam uma tensão ou ruptura entre reconhecimento e estranhamento, i.e., os enunciados insólitos que alguns consideram “errados” ou que contêm “erros”) é, fundamentalmente, uma tentativa de eliminar os efeitos que ficam à deriva através da atribuição de significados a esses enunciados.

O mesmo acontece com os erros e os lapsos da língua que o adulto comete. Apesar de serem imprevisíveis e mesmo surpreendentes ou cômicos de acordo com seu efeito, eles revelam uma *ruptura da estabilidade da significação ao convidarem a uma interpretação*.

Nesse sentido, a distinção entre erro e lapso será estabelecida através da convenção que estipula que tanto o adulto quanto a criança cometem erros, mas só o adulto (falante nativo de uma língua) comete lapsos; e a diferença entre erros e lapsos cometidos pelo adulto dependerá da situação discursiva de ocorrência, uma vez que ambos (tanto o erro quanto o lapso) convidam a uma interpretação.

### *1.3. O Estatuto do Lapso na Lingüística e na Psicanálise*

Vimos que tanto o erro quanto o lapso convocam a uma interpretação que permitirá distingui-los. A questão que se coloca aqui é: o lapso poderia ser mesmo um “erro involuntário” (como foi definido por alguns autores)? Ou a questão mais pertinente a ser feita seria: o lapso (enquanto “erro involuntário” ou não) obedeceria a restrições da língua em que ele se manifesta?

O lapso teve um papel fundante na análise do inconsciente. O estudo do estatuto do lapso, portanto, envolve a representatividade do seu papel como ponto de encontro da Lingüística com a Psicanálise, seja através da análise de regularidades nesse fenômeno lingüístico, por um lado, seja como uma via de acesso a repressões inconscientes, por outro.

Nesse sentido, a Lingüística tem uma relação fundamental com a Psicanálise, uma vez que esta se utiliza do material lingüístico estudado por aquela para exercer sua função e que ambas levantam questões referentes à linguagem e ao discurso.

Os lapsos da língua foram e têm sido estudados tanto no campo lingüístico quanto no psicanalítico. Enquanto aquele estuda regularidades do fenômeno lingüístico, este os encara como uma via de acesso a repressões inconscientes.

Em uma abordagem lúcida, já no começo do século XX, FREUD faz as seguintes observações em relação aos lapsos:

"O material (lingüístico) comum que usamos ao falar em nossa língua materna parece estar protegido contra o esquecimento, mas sucumbe com freqüência bem maior a uma outra perturbação, conhecida como 'lapso da fala'. Os lapsos de linguagem que observamos nas pessoas normais dão a impressão de serem um

estágio preliminar das chamadas 'parafasias' <sup>18</sup> que surgem em condições patológicas. (...). "

"Admitindo a suposição de que um mecanismo semelhante ao demonstrado no esquecimento de nomes também poderia desempenhar um papel nos fenômenos dos lapsos de fala, somos levados a formar um juízo mais aprofundado nos casos de lapsos de fala. A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo discurso -- isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som --, ou por uma outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar (...)."

"A perturbação poderia, contudo, ser de um segundo tipo (...); poderia resultar de influências *externas* à palavra, frase ou contexto, e provir de elementos que não se pretendia enunciar e de cuja excitação só tomamos conhecimento justamente através da própria perturbação. O que esses dois modos de formação dos lapsos da fala têm em comum é a simultaneidade da excitação, e o que os diferencia é situar-se a origem da perturbação dentro ou fora da frase ou contexto. A diferença, inicialmente, não parece tão grande no que concerne a certas deduções que podem ser feitas a partir da sintomatologia dos lapsos da fala. É evidente, contudo, que apenas no primeiro caso existe qualquer perspectiva de se extraírem dos fenômenos dos lapsos da fala conclusões sobre um mecanismo que

---

<sup>18</sup> A definição deste termo será esclarecida no item 1.4 – *Lapsos e Parafasias: os Processos Metafóricos e Metonímicos*.

vincule os sons e palavras entre si, de modo a que eles influam mutuamente em sua articulação (...)."

"No caso de interferência de influências *externas* à frase ou ao contexto do que é dito, tratar-se-ia, antes de mais nada, de saber quais são os elementos interferentes, surgindo depois a questão de saber se também o mecanismo dessa perturbação pode revelar as presumíveis leis da formação da fala." (FREUD 1987a:60-62).

Por outro lado, FREUD admite que:

" (...) a forma específica assumida pelo erro [ aqui entendido no sentido de lapso] não é determinada pela qualidade da idéia perturbadora que permaneceu na obscuridade. (...). Somente a complacência do material lingüístico é que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites." (FREUD 1987:194-195, grifo meu).

Em outras palavras, isso significa que a linguagem na qual os lapsos se manifestam interfere na forma da manifestação dos erros. Na verdade, conforme será discutido nesse trabalho, a forma que os lapsos assumem *se dá em função das propriedades lingüísticas e prosódicas da linguagem na qual eles se manifestam.*

O objetivo deste trabalho é, basicamente, constatar a demarcação de limites prosódicos para a ocorrência dos lapsos.

#### *1.4. Lapsos e Parafasias: os Processos Metafóricos e Metonímicos*

O lapso também pode expor a confluência e o limite tênue entre o normal e o patológico. Ao interpretar afasias, FREUD (1977:35) afirma que

“ [...] a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam.”

A semelhança ou mesmo correspondência entre lapso e parafasia pode ser percebida nos termos que FREUD (1977:35) utiliza para definir esta última:

“Por parafasia devemos entender uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exata (pretendida). (...) podemos descrever essas relações mais ou menos assim: trata-se de parafasia quando o falante põe no lugar da outra palavras semelhantes quanto ao sentido ou continuamente ligadas entre si por uma associação corrente, como quando, por exemplo, emprega pena em vez de lápis (...)”.

O conceito de parafasia é delineado a partir de relações de substituição, que é uma das formas de manifestação do lapso dentro do sistema lingüístico. SAUSSURE

(1972:142-143) analisou duas relações básicas presentes na linguagem, que ele chamou de relações sintagmáticas e associativas. As relações sintagmáticas se referem às relações que os termos de uma sentença estabelecem entre si de modo que cada termo adquira seu valor ao se opor aos demais. As relações associativas, por sua vez, são as relações existentes entre as palavras que têm algo em comum entre si:

“A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.”

Nas palavras de JAKOBSON (1974:40), que retomou SAUSSURE,

“Os constituintes de um texto têm um estatuto de contiguidade, enquanto num grupo de substituição os signos estão ligados entre si por diferentes graus de similaridade que oscilam entre a equivalência dos sinônimos e o fundo comum dos antônimos”.

Assim, “uma dada unidade significativa pode ser substituída por outros signos mais explícitos do mesmo código, por via de que seu significado geral se revela, ao passo que seu sentido contextual é determinado por sua conexão com outros signos no interior da mesma seqüência.” (JAKOBSON 1974:41).

JAKOBSON associa o que ocorre nas relações sintagmáticas a uma figura de linguagem conhecida como metonímia em função da contiguidade, enquanto que as relações associativas são vinculadas à metáfora por questões de similaridade. Em outras palavras, as relações sintagmáticas se dariam no eixo sintagmático ou metonímico (de

contiguidade), ao passo que as relações associativas ocorreriam no eixo associativo ou metafórico (de similaridade).

Essas relações, que ficaram conhecidas como *relações metafóricas e metonímicas*, procuram dar conta de processos de significação, que (de acordo com LEMOS 1992) vão permitir lidar com a ruptura da estabilidade de significação revelada nos lapsos através do cruzamento de discursos e dizeres. Em outras palavras, a partir de uma releitura de SAUSSURE, de JAKOBSON e de LACAN, LEMOS 1997 conclui que

“É justamente a nomeação desses eixos como pólos ou processos metafóricos e metonímicos que vai permitir lidar com a ruptura (...) [da] estabilidade [da significação]”. (LEMOS 1997:11)

Tais pólos ou processos são definidos nos seguintes termos:

“Os processos metafóricos e metonímicos [são] como mecanismos de mudanças cuja direção é a estabilização da língua na fala da criança, isto é, a consolidação de categorias e estruturas.” (LEMOS 1997:11)

Contudo, não basta nomear pólos ou processos; é preciso questioná-los e sistematizá-los de modo a distingui-los nos adultos:

“A estabilização não é interpretável como um ponto final na atuação desses processos, já que uma certa homogeneidade na fala dos adultos não os homogeneiza enquanto falantes, não elimina a singularidade e a diferença nem detém a mudança lingüística.”

“Isso considerado, por que ou como cessam os erros? Ou melhor, como esse processos deixam de produzir erros?”

“Dessa questão decorre outra ou, mais precisamente, a necessidade de questionar a generalidade desses processos de modo a distinguir o erro da criança da metáfora do poeta, a metáfora do poeta da metáfora da ciência, a metáfora que produz o lapso, o ato falho, o chiste, da metáfora cristalizada na catacrese.” (LEMOS 1997:13)

Na verdade, esses processos são reelaborados de modo a delinear um pouco mais precisamente a fronteira que distingue os erros na criança dos lapsos no adulto.

Os comentários de HOCKETT (1973:114) também apontam para a tensão de pelo menos dois conceitos que se cruzam:

“Um lapso é, em certo sentido, uma indicação de indecisão: o falante está operando sob duas (ou mais) tendências conflituosas e não as resolve completamente.”

O que interessa ao lingüista, porém, é estudar e analisar “a complacência do material lingüístico”<sup>19</sup> (i.e., as regras características de uma língua) de modo a descobrir tanto a delimitação das fronteiras de ocorrência dos lapsos quanto possíveis restrições lingüísticas à ocorrência deles.

Uma vez que os lapsos do *corpus* do presente trabalho ocorreram nos eixos metafórico e metonímico, minha hipótese é que a estabilidade de significação no adulto ainda está sujeita a rupturas e tensões entre o reconhecimento e o estranhamento – ainda

---

<sup>19</sup> Cf. FREUD 1987:194-195.

que numa escala diversa e consideravelmente menor do que os erros cometidos pela criança.

Nesse sentido, os lapsos não só confirmariam que a estabilização não é definitiva mas também seriam uma evidência de que as relações que a criança estabelece com a língua e com o Outro no processo de aquisição da linguagem não cessariam, i.e., elas continuariam a ser construídas e reconstruídas numa posição na qual o pólo dominante é o sujeito já constituído, a língua e o Outro (a terceira posição de LEMOS 1999).

Dito de outra forma, os lapsos evidenciarão que os processos sócio-interacionistas que envolvem a inserção da criança na língua continuam a ocorrer durante a idade adulta de maneira imprevisível, porém sempre submetidos à língua consolidada e a princípios lingüísticos.

## Capítulo 2

# Classificação e Contextualização dos Lapsos

### 2.1. *Lapsos Paradigmáticos e Sintagmáticos*

Diante da necessidade de nomeação ou classificação dos lapsos como fenômenos lingüísticos relacionados aos pólos ou processos metafóricos/paradigmáticos e metonímicos/sintagmáticos, eles foram classificados como **lapsos paradigmáticos** e **lapsos sintagmáticos**<sup>20</sup>. Outros autores, porém, optaram por sistemas classificatórios distintos.

STEMBERGER (1993:53-54), por exemplo, propôs um sistema baseado nas características superficiais dos lapsos cometidos por falantes nativos, adultos e normais de uma determinada língua, excluindo referências específicas a teorias lingüísticas conexionistas, para unificar e/ou padronizar os diversos sistemas de classificação existentes nos modelos de produção da linguagem:

“Há várias abordagens possíveis para criar um sistema de classificação para lapsos. Primeiro, a descrição exata de um lapso só é possível dentro do contexto de uma teoria específica. Cada teoria classifica e explica os lapsos de formas diferentes. Seria

---

<sup>20</sup> TALO (1980) já havia delineado essa proposta de classificação ao analisar lapsos de sujeitos normais e parafasias de sujeitos afásicos.

portanto legítimo selecionar uma determinada teoria de produção da linguagem e apresentar o sistema de classificação vinculado àquela teoria. Entretanto, um sistema de classificação atrelado a uma teoria é inconveniente. Quando a teoria muda, o sistema de classificação também pode mudar, e o pesquisador deve voltar aos dados e reclassificar muitos lapsos. Além disso, ele é de uso limitado aos pesquisadores que usam uma teoria de produção da linguagem diferente, que vincula uma diferente classificação de lapsos. Uma outra abordagem devia ser para desenvolver um sistema de classificação isento de teorias. Uma classificação de lapsos seria baseada nas características superficiais <sup>21</sup>. Pesquisadores usando diferentes modelos de produção da linguagem poderiam usar o mesmo sistema de classificação, mas poderiam pressupor diferentes mecanismos atuantes num tipo específico de lapso. Uma mudança na teoria não precisa promover uma re-análise dos dados, mas apenas uma re-interpretação dos mecanismos referentes aos lapsos. Um sistema de classificação isento de teorias é desejável, e tentarei apresentar um aqui.

Lapsos vão ser classificados puramente em termos de características superficiais, com o mínimo possível de contaminação de teorias específicas de produção da linguagem.<sup>22</sup> (...)”

“O sistema de classificação apresentado aqui é baseado em lapsos da língua cometidos por falantes nativos, adultos e normais de uma língua. Lapsos também podem ocorrer em outras populações:

---

<sup>21</sup> Isso é extremamente utópico, uma vez que qualquer classificação pressupõe um determinado enfoque teórico; no caso, o enfoque o autor é connexionista, relacionado a mecanismos de produção da linguagem.

falantes nativos adultos com patologias da linguagem, crianças normais ou mentalmente perturbadas e falantes não-nativos de uma língua. O sistema apresentado aqui também pode ser usado com essas populações.”

A seguir, apresentarei e comentarei a classificação proposta por STEMBERGER (1993):

---

<sup>22</sup> Na verdade, a suposta ausência de “teorias específicas de produção da linguagem” não isenta a classificação proposta pelo autor de um enfoque conexionista.

## Sistemas de Classificação

### A. Tipo de Lapsos

1. substituição
2. adição
3. perda (deleção/omissão/apagamento)
4. amálgama

### B. Nível Lingüístico

1. semântico
2. pragmático
3. lexical
4. sintático
5. morfológico
6. fonológico
7. motor/fonético

### C. Fonte<sup>23</sup>

1. sem fonte/ não-contextual (paradigmático)
2. ambiental (não-lingüístico)
3. contextual (lingüístico/sintagmático)

### D. Direcionalidade

1. antecipação AB ⇄ BB
2. perseveração AB ⇄ AA
3. incompleto AB ⇄ A--
4. antecipação/perseveração ABA ⇄ AAA
5. complexo
  - a. troca/mudança AB ⇄ BA
  - b. série ABC ⇄ AAA/CCC
  - c. cadeia ABC ⇄ AAB/BCC
  - d. borrão ABC ⇄ BA/CB
  - e. pára-choques AB ⇄ CA/BC
  - f. neologismos

### E. Unidade Lingüística

#### *1. unidade fonológica*

- a. fonema
- b. traço fonológico
- c. sílaba
- d. acento/prosódia
- e. etc.

#### *2. morfema*

- a. base
- b. prefixo
- c. sufixo
- d. regularização
- e. etc.

#### *3. palavra*

- a. classe aberta/classe fechada
- b. substantivo, verbo, etc.

#### *4. unidade sintática*

- a. estrutura sintagmática
- b. transformação
- c. etc.

---

<sup>23</sup> A questão relativa às fontes dos lapsos será comentada mais adiante em 2.2. *Fontes e Efeitos dos Lapsos*.

Essa classificação, além de ser meramente descritiva, é também ampla e genérica, e avalia os lapsos em função do alvo. Por exemplo, nos lapsos do meu *corpus*

(4) Mulher comenta o fato de um pai ter levado os filhos ao restaurante.

*Alvo:* [A conta]  $\phi$  [foi as-tro-nô-mi-ca]  $\phi$ .

*Produção:* ... gas-tro-nô-mi-ca.

(5) Durante um seminário.

*Alvo:* ... [a alma]  $\phi$  [é imortal]  $\phi$ .

*Produção:* ... é imoral.

em (4), o alvo era o adjetivo “astronômica”, e o lapso gerou “gastronômica”; nesse caso, de acordo com a classificação proposta por STEMBERGER, houve adição de um segmento (o fonema /g/). Já em (5), o alvo é a palavra “imortal” e o lapso corresponde à palavra “imoral”; assim, de acordo com o autor, houve uma perda (deleção/omissão/apagamento) de um segmento (o fonema /t/). Por outro lado, a classificação proposta neste trabalho procura pesquisá-los sob um ponto de vista que forneça uma explicação para a sistematicidade das ocorrências.

Desta forma, lapsos por substituição de palavras (como no ex (1): “é urina de guitarra”) foram chamados de **lapsos paradigmáticos**, i.e., que ocorreram no eixo metafórico; e lapsos que envolvem trocas mútuas<sup>24</sup> de palavras (como no ex (2): “O catarro dele está cheio de peito”) ou segmentos – (como no ex (3): “você viu que vai ter jantar dançante?”), dentre outros, foram classificados como **lapsos sintagmáticos**, uma vez que são lapsos relativos à ocorrências no eixo metonímico.

Sob esse ponto de vista, tanto o lapso (4), correspondente à palavra “gastronômica”, quanto o lapso (5), correspondente à palavra “imoral”, são lapsos

---

<sup>24</sup> *Exchanges*, em inglês.

paradigmáticos, pois ambos são itens lexicais que estabeleceram uma conexão metafórica com seus respectivos alvos. Nas palavras de LACAN 1966:237,

“A centelha criadora da metáfora (...) jorra entre dois significantes dos quais um substitui o outro tomando-lhe o lugar na cadeia significante, o significado oculto permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”.

Nesse sentido, ao se constituírem como cruzamentos discursivos, lapsos paradigmáticos e sintagmáticos revelam conexões metafóricas e metonímicas da linguagem em que ocorrem.

## 2.2. Fontes e Efeitos dos Lapsos

Ao constatar a ocorrência de um lapso na pronúncia de um falante, o ouvinte pode ter as reações mais diversas, que vão da surpresa à intriga, passando pelo riso; dificilmente ele permanecerá impassível ao perceber um lapso. Basicamente, o efeito do lapso pode ser caracterizado como sendo semelhante ao do chiste ou do ato falho. Um chiste produz um efeito cômico, intencional ou não, ao passo que o ato falho seria um erro de desempenho ou uma hesitação referente às auto-correções.

Ao convocar a uma interpretação, o lapso pode, assim como o chiste, produzir um efeito cômico, intencional ou não. Desta forma, escritores, humoristas e mesmo o povo em geral inventam piadas e anedotas que contêm lapsos propositais – mas jamais aleatórios do ponto de vista lingüístico – de modo a produzir gargalhadas.

Vejamos um exemplo de lapso paradigmático humorístico publicado na imprensa:

### PIRATAS DO TIETÊ - Laerte



(Folha de São Paulo, sábado, 14 de outubro de 2000, caderno ILUSTRADA, p.E-7)

A explicação do efeito humorístico desta tirinha envolve aspectos fonéticos, fonológicos e semânticos.

Consideremos primeiramente a semântica dos prefixos “in” (= “para dentro”) e “ex” (= “para fora”): os significados são opostos. Já os itens lexicais “incremento” (que corresponde a “aumento”) e “excremento” (que significa “fezes”) aparentemente não apresentam uma relação semântica explícita.

Vejamos agora a palavra “aposta”, fonologicamente transcrita como /aposta/; se a oclusiva bilabial surda /p/ for sonorizada, ela será convertida na oclusiva bilabial sonora /b/, gerando a seqüência sonora /abosta/, que é uma palavra fonológica (segundo MATTOSO CÂMARA 1976) ou um grupo clítico (de acordo com NESPOR & VOGEL 1986), i.e., a pronúncia equivalente ao artigo definido feminino singular “a” e ao item lexical “bosta”, termo popularmente vulgar para designar “excremento” ou “fezes”.

Essa interpretação pode ser confirmada pela sentença do último quadrinho (“bom, pelo menos ‘aposta’ saiu certo”). Nesse contexto, o que “saiu” (ou deveria ter “saído certo”) seria “o excremento”, ou “a bosta”, e daí vem a graça irônica: “a bosta” não saiu certo, pois saiu como “aposta”.

A tirinha também revela que, quando um falante comete um lapso espontaneamente, ele não está consciente do que disse, o que é compatível com o caráter inesperado do lapso. Nesse exemplo, ao ser “corrigido” por um interlocutor (i.e., quando um interlocutor, ao perceber o lapso paradigmático cometido pelo falante, informa a ele o alvo pretendido), o falante indaga: “não foi o que eu disse?”.

Como vimos, mesmo o lapso produzido intencionalmente obedece a determinadas regras e princípios específicos de acordo com a linguagem em que se manifesta e, particularmente, de acordo com o contexto de manifestação. Nesse sentido, o que seria considerado lapso num certo contexto em outro não o é. Daí a importância da apresentação dos dados em termos de possível alvo (o que se pretendia dizer naquela

circunstância) e produção (o que foi dito efetivamente e que, naquele contexto, foi caracterizado como lapso). Isso é válido particularmente no caso dos lapsos paradigmáticos.

Em relação aos lapsos sintagmáticos, a contextualização pode ser caracterizada como um complemento interpretativo, uma vez que podem ser analisados como o cruzamento mútuo de discursos, i.e., como manifestações da subversão mútua dos eixos paradigmático e sintagmático.

Temos aqui um lapso sintagmático verídico também publicado na imprensa:

### **“CONTRAPONTO**

#### **Calendário Trocado**

Há duas semanas, Lula (PT) esteve em Sergipe para inaugurar o comitê de campanha do candidato da sigla a prefeito de Aracaju, Marcelo Déda. (...) Cansado, Lula posou para fotos e fez uma série de gravações para candidatos da sigla no interior transmitirem em seus municípios. Um dos últimos a ser atendido foi Eduardo Abril, candidato a prefeito de Estância. (...) Logo que Abril estendeu o gravador, Lula passou a falar sobre a importância da eleição para prefeito, que este ano será realizada no dia 1º de outubro.

Extenuado, arrematou:

\_\_ Companheiros de Estância, no dia 1º de abril votem no companheiro Eduardo Outubro!

(Folha de São Paulo, domingo, 30 de julho de 2000, Caderno BRASIL, p.A-4).

O político Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, do Partido dos Trabalhadores, costuma ser freqüentemente criticado, dentre outros motivos, pela sua suposta ignorância, uma vez que ele tem um baixo grau de escolarização. De fato, é possível que lapsos sejam produzidos por desconhecimento do item lexical mais apropriado em um determinado contexto. Nesse caso, porém, não se trata de ignorância do falante. Vejamos porquê.

“Abril” e “outubro” pertencem ao mesmo campo semântico, pois ambos são meses do ano. No ano eleitoral em questão, as eleições seriam realizadas no dia 1º de outubro. Lembremos que o dia 1º de abril é considerado o dia da mentira, relativamente popular no Brasil. O que aconteceu foi, portanto, um cruzamento de discursos, gerando um lapso sintagmático.

O jornal afirma que o político estava “cansado” e “extenuado”. Em relação a isso, STEMBERGER (1993: 57) comenta que

“Cansaço, especialmente fadiga, pode aumentar a taxa de lapsos da língua. Isso não foi estudado sistematicamente.”

A respeito de contextualização e fontes de lapsos, STEMBERGER (1993:55) afirma que

“Muitos lapsos têm uma fonte, i.e., algum elemento além do contexto lingüístico ou ambiente não-lingüístico que interfere no elemento alvo e que de alguma forma modifica o que é produzido. (...) Se o elemento aparece em algum lugar naquilo que o falante está dizendo, seja na mesma sentença ou numa outra, é um lapso contextual (sintagmático). [ex: lapso do Lula]. Se o lapso aparece externo ao falante (tal como uma linguagem que o falante está

ouvindo ou lendo, ou um objeto ou ação que o falante está observando), é um lapso ambiental. Ocasionalmente, a fonte pode estar no sistema cognitivo do falante, sistema externo à linguagem, tal como pensamentos não-expressos [ex: tirinha do Laerte]; isso pode ser considerado um lapso ambiental ou o pesquisador pode optar por dar a ele uma classificação separada (ex: um lapso freudiano).”

“Geralmente, o pesquisador pode não encontrar uma fonte aparente para um lapso. Em pessoas normais, isso é amplamente válido para lapsos por substituição de palavras (...). No discurso afásico, lapsos não-contextuais (‘paradigmáticos’) são relativamente mais comuns.”  
(grifos meus)

Assim, de acordo com STEMBERGER, “lapsos contextuais” seriam os lapsos sintagmáticos e os “lapsos não-contextuais” (ou “sem fonte”), seriam os lapsos paradigmáticos (desencadeados por relações entre termos que SAUSSURE define como *in absentia*, i.e., que podem ocorrer num determinado ponto do enunciado formando uma série mnemônica). O autor considera contextual apenas o que se refere à linguagem. Entretanto, considerando o enfoque aqui adotado – que analisa os lapsos como cruzamento de discursos em função das relações que o sujeito estabelece com a língua e com o Outro – todos os lapsos são, em maior ou menor grau, contextualizáveis. É verdade que determinar a(s) fonte(s) de um lapso pode ser uma tarefa árdua e mesmo capciosa, mas nem por isso elas deixariam de existir. Desta forma, um “lapso ambiental”, nas palavras de STEMBERGER, pode ser considerado um lapso paradigmático.

Vejamos três exemplos de “lapso paradigmático-ambiental”; os dois primeiros (6 e 7) são de GARRETT e o terceiro (8) é do meu *corpus*:

“(...) [6] *Alvo*: Você está tentando me enviar uma mensagem [message], Dog?”

*Situação*: o falante está interpelando Dog; Dog está em pé perto da porta da frente parecendo sorumbático. Bem ao lado do falante, na altura dos olhos, está, numa prateleira, um romance com o subtítulo de capa ‘um romance de intriga e ameaça [menace]’. O falante casualmente lê isso enquanto se aproxima do colega e se prepara para falar.

*Produção*: “Você está tentando me enviar uma ameaça, Dog?”

“(...) [7] *Alvo*: As pessoas deviam tirar os adesivos velhos do pára-choque.

*Situação*: o falante está olhando para um pára-choque de carro onde está colado um adesivo de dois anos atrás que dizia ‘Dukakis devia ser governador.’

*Produção*: “As pessoas deviam tirar os adesivos velhos do governador.” (GARRETT 1980b:210)

(8) *Alvo*: Vou pedir o retroprojektor.

*Situação*: o falante está andando e conversando com um colega e vê um adesivo colado num carro. O adesivo diz “sem professor esse país não anda”.

*Produção*: Vou pedir o retroprofessor.

Ne verdade, esses lapsos paradigmáticos, além de serem cruzamentos de discursos, envolvem também uma seleção alternativa de elementos concorrentes. Nesse

sentido, o falante, ao se deparar com vários estímulos (sejam eles internos ou externos; ambientais, visuais etc), pode apresentar dificuldades ao decidir o que vai ser dito efetivamente (seja por exemplo por questões de cansaço, fadiga, stress, distração etc) e isso possibilitaria a produção de lapsos através da reelaboração de relações lingüísticas entre o sujeito (falante), a língua e o Outro (estímulos de alguma natureza).

## Capítulo 3

### Metodologia

#### *3.1. A Coleta de Dados*

A questão da metodologia na coleta de lapsos é tão controversa quanto o fenômeno em si. Foi dito, no início da introdução, que o lapso está na confluência entre o esperado e o inesperado. É precisamente na contraparte do “inesperado” que o lapso oferece dificuldades quase intransponíveis na coleta e metodologia de sua elicitación, pois ele não acontece tão facilmente em dados naturalísticos gravados em conversas espontâneas.

Na literatura, há basicamente dois métodos de estudo: o naturalístico e o experimental.

Em relação ao método naturalístico, há duas possibilidades de coleta de dados:

- através da gravação de grandes quantidades de fala e
- através da anotação de erros que são ouvidos em situações cotidianas.

A vantagem da gravação de dados naturalísticos se refere à possibilidade de se ouvir várias vezes determinados trechos das fitas para análises mais apuradas, inclusive acústicas. A principal desvantagem é a baixa taxa de ocorrência de dados.

Em relação aos dados colhidos através de anotações, a maior vantagem é a coleta de dados em situações reais de uso da linguagem. Outras vantagens são:

- acessibilidade à coleta (qualquer um pode coletar dados em qualquer lugar com o mínimo de equipamento); e
- possibilidade de obtenção de amostragem relativamente extensa sem que haja a necessidade de o pesquisador conferir horas e horas de fitas gravadas.

As desvantagens são:

- perda ou esquecimento de alguns tipos de erros antes que eles possam ser anotados;
- questionamento da confiabilidade dos dados;
- ausência de controle das variáveis <sup>25</sup>, tais como o que vai ser dito, velocidade de fala etc.

O aspecto mais questionado do método naturalístico se refere à *confiabilidade* dos dados coletados, i.e., se os dados coletados por esse método são autênticos e confiáveis como objeto de análise. Já no método experimental tem sido colocada em dúvida a *validade* dos dados, uma vez que eles são coletados em situação controlada e podem não refletir a produção normal da linguagem nem a variedade de tipos dos lapsos.

Na verdade, nenhuma metodologia é perfeita. Porém, as vantagens e desvantagens das abordagens naturalística e experimental são quase complementares: quando uma tem problemas, a outra não <sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> *apud* STEMBERGER 1993: 61-63.

<sup>26</sup> *apud* STEMBERGER 1993:63.

De qualquer forma, foram selecionados os dados coletados pelo método naturalístico por considerarmos que eles refletem melhor os lapsos ocorridos em situação real. Considerei tanto os dados anotados e lidos por mim quanto os do projeto NURC <sup>27</sup>, de modo a traçar um paralelo entre dados anotados e gravações em situação relativamente controlada.

As anotações foram realizadas por mim e/ou a mim reportadas por terceiros.

---

<sup>27</sup> O projeto NURC será descrito e comentado em 3.3. *Lapsos, Metalapsos, Hesitações e Reformulações*.

### 3.2. *Os Dados no Contexto Prosódico*

Apesar de o lapso ser um fenômeno lingüístico consistente e não aleatório, o número limitado de dados no *corpus* reflete o fato de que eles não são tão freqüentes quanto os erros cometidos por crianças. Contudo, ao privilegiar a linguagem oral e o método naturalístico como formas de manter a mais alta fidelidade possível ao que ocorre em situações cotidianas do uso da língua, os aspectos referentes à qualidade dos dados devem ser mais significativos do que a quantidade.

Assim sendo, apesar de haver *corpus* de dados (em inglês e alemão, por exemplo), consideravelmente mais extensos do que o deste trabalho, a inovação desta proposta consiste em dois aspectos: o de classificar os lapsos como paradigmáticos e sintagmáticos, discutindo uma concepção discursiva, e o de analisá-los sob uma perspectiva prosódica de modo a estabelecer possíveis restrições lingüísticas à ocorrência de lapsos.

Por que privilegiar uma análise prosódica?

Porque a opção deste trabalho se refere ao estudo dos lapsos que ocorrem na linguagem oral, e a oralidade contém uma série de elementos rítmicos e entonacionais que, imprescindivelmente, devem ser levados em conta. Como afirma CAGLIARI 1992:42, “os aspectos prosódicos da fala não servem para enfeitar a fala, fazem parte da própria essência da linguagem oral.”

Além disso, a prosódia raramente é levada em consideração nos estudos da linguagem, o que é paradoxal: uma vez que ela é constitutiva da língua, ela deve ser estudada tanto quanto outros fenômenos lingüísticos.

### *3.3. Lapsos, Metalapsos, Hesitações e Reformulações*

Um vasto material de português brasileiro gravado foi encontrado no Projeto NURC (Norma Urbana Culta). Esse projeto consistiu no registro, em fitas cassete, de grandes quantidades de fala de adultos brasileiros nativos residentes em algumas capitais do país nas situações de elocuições formais (aulas, conferências), diálogos entre dois informantes e entrevistas. Apesar da extensão do material lingüístico registrado, a ocorrência de lapsos é discutível, pois as instâncias dos lapsos podem ser classificadas como inserções, reformulações ou hesitações dos falantes.

SILVA & KOCH (1996: 334) fizeram as seguintes observações a respeito:

“Da mesma forma que a inserção e a reformulação, a hesitação constitui uma estratégia de ralentamento [lentificação da fala], tendo, porém, um estatuto diverso.” Na verdade, “(...) a hesitação [é] constitutiva do próprio processo de construção do texto falado, ligada à possibilidade mesma de sua emissão, já que nele (...) planejamento e verbalização são necessariamente simultâneos, pondo-se a nu, a cada momento, o processo de sua construção. Em outras palavras, (...) o texto falado se apresenta em ‘status nascendi’, ele é o seu próprio rascunho. Não existem, assim, trechos de fala sem hesitações, ao passo que podem existir trechos, mais ou menos longos, sem inserções e reformulações.”

HOCKETT (1973:114), por sua vez, afirma que

“(...) Muitos lapsos são seguidos por uma correção, mas tal reformulação explícita também pode envolver lapsos. Nenhum discurso está completamente livre de lapsos – a única maneira de evitá-los é permanecer em silêncio”.

Apesar disso, o autor sugere que

“Num certo sentido, a correção de um lapso pode constituir um ‘metalapso’”. (HOCKETT 1973:105).

Vejam os seguintes trechos do Projeto NURC/SP:

(9) Volume II: Diálogos entre dois informantes, p.77 - inquérito 62 (D2 62), bobina 20, informante 70:

olha mesmo com as especializações... tem as boas **espre/especializações** as que dão dinheiro...

(10) Volume III: Entrevistas, p.117 - Inquérito 234 (DID 234), bobina 88, informante 281:

... era uma coisa fora de de de de de de série a pessoa ir lá pra se **diver/distrair** divertir voltava cansada de pegar uma fila enorme...

(11) Volume III: Entrevistas, p.128 – Inquérito 235 (DID 235), bobina 88, informante 282:

... porque não teria cabimento eu **che/convidá-las pra jan/prá almoçar** em casa e preparar um:: um prato do meu gosto... não é?

O trecho (9) pode ser considerado um metalapso, pois, se fosse concluído, geraria “especializações”; (10), por sua vez, consistiria numa reformulação, pois, além

da semelhança semântica entre os verbos “divertir” e “distrair”, houve uma retomada completa da forma fônica do primeiro, que tinha sido interrompida para pronunciar o segundo (/diverdistrairdivertir/).

O caso de (11) é mais difícil de ser definido, já que ele pode simultaneamente conter metalapsos (nesse contexto, a pronúncia /ʃe/ geraria o verbo “chegar” e caracterizaria um metalapso paradigmático em relação ao verbo “convidar”; analogamente, a pronúncia /ʒe/ produziria o verbo “jantar” em contraposição ao verbo “convidar”) e reformulações ou hesitações referentes à decisão da forma significante mais apropriada.

Outros exemplos de hesitações são:

(12) VOLUME I: Elocuções Formais – p.74 - INQUÉRITO 156 (EF 156) - BOBINA 54:  
INFORMANTE 182

(mulher, 56 anos): ... para muitos de nós foi o primeiro contato em profundidade com a pintura e em último ca/lugar... a elaboração da única meditação estética...

Nesse caso, o falante optou por um outro item lexical no momento que em já estava pronunciando metade da primeira palavra selecionada (“caso/lugar”). Já em

(13) VOLUME II: Diálogos entre dois informantes – p.83 - INQUÉRITO 62 (D2 62) -  
BOBINA 20: INFORMANTE 69

(informante 69: homem, 26 anos): ...eles obrigam a maioria das firmas obrigam isso ele se apre/ ele se prende num contrato de DOIS anos terminando o curso... (p.83)

o falante realizou uma auto-correção de modo a não pronunciar completamente o verbo “aprender” conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo numa colocação reflexiva (\*ele se aprende).

Finalmente, um outro exemplo de um metalapso paradigmático ou reformulação é

(14) VOLUME III: Entrevistas - p. 159 - INQUÉRITO 242 (DID 242) - BOBINA 92: INFORMANTE 295

(mulher, 60 anos): bom isso também... **essa re/ahn... respó/pergunta** também eu:... tenho preocupação de responder...

Aqui, o falante, que hesitou num primeiro momento, começou a pronunciar a palavra “resposta” quando, numa auto-correção, ele a substituiu pelo item lexical antônimo, “pergunta”.

Esses exemplos revelam a ocasional confluência entre lapsos, metalapsos, hesitações e reformulações.

Convém destacar que os lapsos do *corpus* neste trabalho foram produzidos por falantes nativos adultos e normais do português do Brasil durante a realização de discursos normais e espontâneos. A esse respeito, BOOMER & LAVER (1973:121) afirmam que

“É importante reconhecer que discurso ‘normal’ não significa discurso ‘perfeito’. A norma para discurso espontâneo é demonstradamente imperfeita. A conversação é caracterizada por pausas freqüentes, sons de hesitação, falsos começos, articulações errôneas e correções. Ao optar pela exclusão dessas irregularidades características, a lingüística descarta a checagem potencialmente

poderosa da veracidade de modelos competitivos de desempenho<sup>28</sup> discursivo”.

Nesse caso, não se trata de excluir irregularidades características do discurso espontâneo, mas sim de encarar o lapso de modo a não confundi-lo com hesitações e/ou reformulações.

Desta forma, mesmo com tantas controvérsias, análises dos dados do NURC estabelecem um paralelo entre dados colhidos em situação ambiente e dados gravados. Nesse sentido, diante da dificuldade de coleta de material para o estudo dos lapsos, é de importância fundamental tomar decisões teóricas e metodológicas coerentes com os propósitos de possíveis análises.

---

<sup>28</sup> Ao utilizarem a expressão “desempenho discursivo”, os autores provavelmente postulam a dicotomia entre competência e desempenho lingüísticos, numa concepção inatista/conexionista.

### 3.4. *Uma metodologia experimental: o paradigma do “trava-língua”*

O paradigma do trava-língua (*tongue-twister paradigm* – cf. WILSHIRE 1999) é uma técnica experimental que consiste na indução artificial de lapsos fonológicos a partir dos traços presentes nos “trava-línguas”<sup>29</sup>. A vantagem dessa técnica é gerar informações quantitativas e qualitativas que podem ser usadas para testar uma ampla gama de questões empíricas.

Recentes teorias de produção da linguagem identificam um estágio durante o planejamento discursivo no qual a representação de uma pronúncia, definida lexicalmente e morfologicamente, se converte numa representação especificada a nível fonológico. A maior fonte de informação empírica para tal constatação são coleções de lapsos da língua fonológicos de ocorrência espontânea. Argumenta-se que a adoção de métodos capazes de testar hipóteses mais específicas a respeito de questões controversas seria possível através da elaboração de técnicas alternativas que permitam a manipulação direta de variáveis discursivas específicas.

A tarefa envolvida no paradigma do trava-língua consiste em repetir uma seqüência de 4 palavras 4 vezes sem pausa, a uma velocidade de 100 palavras por minuto. Geralmente, as palavras a serem repetidas incluem traços encontrados nos trava-línguas, tais como combinações de fonemas semelhantes ou repetidos ou seqüências de fonemas ABBA. Além disso, ela é usada para testar várias hipóteses, (todas confirmadas), tais como:

- a) Se combinações de fonemas aumentam a probabilidade de ocorrência de erros;

---

<sup>29</sup> Exemplos de trava-línguas em português são “O rato roeu a roupa do Rei de Roma” e “O peito do pé do Pedro é preto”.

- b) Se a velocidade de fala interfere na produção de erros;
- c) Se o grau de gramaticalidade das sentenças influencia a probabilidade de ocorrência de erros.

A autora pondera que essa técnica não recebeu a devida atenção na literatura talvez porque não só haja pouca compreensão a respeito de como esse método experimental induz a erros, mas também porque os traços que induzem a erros podem influenciar processos em níveis do processamento mental diferentes do nível fonológico, que é o que se pretende estudar. Além disso, os pesquisadores não sabem ao certo como é que as operações cognitivas envolvidas na tarefa presente nessa técnica se relacionam com aquelas envolvidas na produção do discurso espontâneo e, portanto, são cautelosos ao estender as descobertas desse método para modelos de encadeamento fonológico espontâneo.

O estudo realizado por WILSHIRE 1999 investiga:

- a) A reiteração repetida da seqüência de palavras;
- b) A inclusão de fonemas semelhantes na seqüência-alvo;
- c) O uso de múltiplas instâncias de fonemas na seqüência-alvo.

Ele é subdividido em 2 experimentos: o Experimento 1 investiga os efeitos separados dos traços da seqüência-alvo (presença de fonemas semelhantes e múltiplas instâncias do mesmo fonema) para verificar se a semelhança fonética tem um papel significativo na indução de erros. O Experimento 2, por sua vez, examina o papel da reiteração através da comparação entre a execução da tarefa do trava-língua e a tarefa de produção alternativa de palavras que não envolvem repetição em bloco de uma seqüência-alvo fixa.

Há evidências de que o efeito de indução de erros nas repetições da seqüência-alvo não é apenas devido à sobrecarga fonológica ou fadiga da produção contínua, mas também a aspectos específicos da maneira pela qual seqüências-alvo são planejadas e reiteradas durante a produção.

O Experimento 1 foi realizado com 12 falantes nativos de inglês britânico com idades entre 40 e 69 anos (6 com idades entre 40 e 59 anos e os outros 6 com idades entre 60 e 69 anos). Foram apresentados a eles 32 seqüências-controle (do tipo *case port bed moon* e *type cough peat sack*), 16 aliterações dessemelhantes - com fonemas repetidos na mesma posição de palavra (ordem inicial ABBA e final ABAB, ex: *palm neck name pack*) e fonemas em posição de palavra correspondente dessemelhantes (ordem inicial ABAB e final ABBA, ex: *soap dam seam dip*) - e 16 aliterações semelhantes - com fonemas repetidos na mesma posição de palavra (ordem inicial ABBA e final ABAB, ex: *moss knife noose muff*) e fonemas em posição de palavras correspondentes semelhantes (ordem inicial ABAB e final ABBA, ex: *purse cat pot case*).

Os itens foram apresentados aos sujeitos numa tela de computador. Eles foram instruídos a manter o ritmo de fala independentemente dos erros cometidos. As sessões foram gravadas e transcritas.

As repetições realizadas pelos sujeitos foram caracterizadas como corretas ou incorretas. Eram consideradas incorretas aquelas que contivessem pelo menos um fonema inapropriado em qualquer posição, ou estivesse faltando pelo menos um fonema, ou ainda houvesse um segmento inapropriado corrigido a seguir (ex: *f-bed*). Hesitações e disfluências (ex: *b-bed*) não foram caracterizadas como incorretas.

De um total de 583 erros, 30 foram considerados erros visuais, i.e., regularizações ortográficas da palavra-alvo (ex: *dose doze*) ou quando a relação entre a unidade errônea era puramente visual (ex: *cough*→*couch*, mas não *cup*→*cub*, pois a relação é fonológica além de visual). Esses erros foram excluídos.

Cada erro foi classificado de acordo com a unidade envolvida: consoante em início ou final de palavra, vogal, rima, par *onset* /núcleo ou todos os segmentos da palavra.

Os sujeitos disseram que não tiveram dificuldades para executar a tarefa, mas comentaram a respeito da frustração por serem incapazes de produzir os alvos pretendidos.

Após a análise dos resultados obtidos, foi constatado que:

- a) Os erros foram mais freqüentes na 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> repetição do que na primeira;
- b) Itens com aliterações semelhantes foram mais sujeitos a erros do que itens com aliterações dessemelhantes;
- d) Erros envolveram mais consoantes do que vogais;
- e) Erros envolveram mais consoantes iniciais do que finais;
- f) Erros segmentais revelaram que houve mais substituições do que adições e omissões;
- g) Uma alta proporção de erros envolvendo consoantes tiveram uma fonte alheia à palavra em que se encontravam, sendo que essa fonte geralmente estava numa posição correspondente de palavra (início, por exemplo: *purse cat pot case* → *curse cat pot case*);
- h) Houve uma alta incidência de erros com fontes da mesma posição, tanto no início como no final da palavra;
- i) Em erros que ocorreram na mesma posição da palavra, houve maior tendência de que eles fossem antecipatórios do que perseverativos, independentemente do contexto;
- j) Consoantes foram igualmente substitutas e substituídas;
- k) Erros apresentaram tendência a se concentrar na posição inicial da palavra e
- l) A resultar em palavras existentes no léxico.

O Experimento 2 compara a tarefa do trava-língua apresentada em bloco de 4 palavras no Experimento 1 com uma tarefa na qual as palavras são apresentadas uma a uma em ordem imprevisível. O objetivo é isolar o papel da repetição na indução de erros.

A tarefa consistia em repetir 4 palavras, em bloco e isoladamente, do corpus de 16 quádruplos de palavras aliterativas semelhantes do Experimento 1, a uma velocidade de fala de 100 palavras por minuto. As palavras apresentadas isoladamente eram exibidas num total de 5 vezes. Os sujeitos foram 10 falantes nativos de inglês britânico com idades entre 40 e 60 anos.

Os resultados obtidos foram semelhantes aos do Experimento 1, com apenas duas diferenças: os erros em consoantes finais foram menos freqüentes no Experimento 2 do que no Experimento 1 e houve tendência dos alvos articulatorios mais facilmente executáveis substituírem os mais difíceis (como seria esperado se os erros tivessem origem articulatória).

Além disso, de modo a fornecer evidências contrárias ao argumento de que velocidades aceleradas de fala utilizadas em experimentos desse tipo induzem a erros articulatorios, um *corpus* consideravelmente amplo de erros foi obtido a partir de uma velocidade de fala relativamente mais lenta do que em discurso espontâneo, o que tornaria improvável que houvesse dificuldades no nível articulatorio. Apesar disso, vários traços dos erros foram idênticos àqueles observados em erros fonológicos espontâneos.

Embora um experimento como o paradigma do trava-língua possa fornecer contribuições interessantes para teorias de produção da linguagem, ele se limita a identificar apenas um tipo de lapso – o fonológico. Desta forma, essa opção metodológica é inadequada aos propósitos do presente trabalho, que pretende realizar

uma análise prosódica relativa à ocorrência de qualquer tipo de lapso da língua espontâneo que seja expresso em situação ambiente.

### 3.5. Opções e Justificativas Metodológicas

A metodologia referente à coleta de dados também é (como praticamente tudo o que se refere a lapsos) bastante controversa. São questionados desde a suposta (ou inevitável) tendência do investigador à distorção dos lapsos registrados até a validade da anotação de dados paralelamente a registros gravados, passando por dúvidas relativas à validade dos lapsos coletados em situações cotidianas em oposição àqueles induzidos por testes em laboratório (cf. STEMBERGER 1993).

Raros ou comuns? Distorcidos ou literais? Anotados ou gravados? Espontâneos ou fabricados? A opção por cada um desses pólos é que guiará uma análise sistemática do fenômeno.

A coleta de lapsos de português do Brasil (produzidos por falantes nativos e adultos, em situações cotidianas) através de anotações é adotada, para uma análise prosódica, pelos seguintes motivos:

- a) Nos estudos sobre lapsos, a prosódia raramente é levada em consideração;
- b) A viabilidade da coleta de dados é maior se for feita através de anotações ao invés de gravações. A gravação de extensas amostras de linguagem oral pode conter poucos dados ou mesmo nenhum dado, como demonstra o Projeto NURC;
- c) Para os propósitos deste trabalho, a coleta de dados em situação cotidiana é mais adequada do que a coleta de dados em laboratório porque experimentos controlados podem não revelar determinadas facetas do funcionamento da linguagem, como o cruzamento paradigmático e sintagmático de dizeres expressos na prosódia cotidiana. Testes de laboratório como o paradigma do trava-língua (*tongue twister*

*paradigm* – cf. WILSHIRE 1999), que induzem artificialmente erros/lapsos fonológicos a partir de traços presentes nos trava-línguas, podem ser úteis para verificarem, dentre outros fatores, tendências fonéticas e fonológicas segmentais; entretanto, não é esse o objetivo do enfoque teórico-metodológico aqui proposto, que pretende utilizar a prosódia como um parâmetro lingüístico para o estudo dos lapsos.

## Capítulo 4

### Uma Análise Prosódica

#### *4.1. Objetivos e Parâmetros*

A análise prosódica aqui proposta tem como objetivo delimitar a(s) fronteira(s) de ocorrência dos lapsos.

De acordo com as hipóteses formuladas, tanto o eixo paradigmático quanto o sintagmático nos quais os lapsos se manifestam estão submetidos a determinados limites de extensão, que, por sua vez, são regidos pela prosódia.

Os parâmetros para verificar que fronteira(s) é(são) essa(s) e qual a extensão dela(s) estão relacionados à hierarquia prosódica do enunciado e a elementos rítmicos e acentuais.

## 4.2. Definindo a Prosódia

Antes de iniciar a análise prosódica deste trabalho, convém definir o termo “prosódia” e seus elementos.

A *prosódia* envolve parâmetros como duração, intensidade (amplitude), altura (frequência), velocidade de fala e pausa. Uma combinação desses elementos produz os subsistemas de ritmo e entonação.

Cada língua apresenta uma prosódia característica e, nos modelos de análise, há determinadas hierarquias prosódicas. Porém, é importante salientar que, apesar de hierárquicos, os elementos prosódicos não têm uma relação isomórfica com os constituintes gramaticais ou com categorias semânticas.

O número de domínios prosódicos difere de acordo com o modelo adotado. Para SELKIRK (1984), são seis domínios:

- 1- Enunciado fonológico
- 2- Frase entonacional - IP
- 3- Frase fonológica - PhP
- 4- Palavra prosódica - Wd
- 5- Pé - Ft
- 6- Sílabas - Syl

Já para NESPOR&VOGEL (1986), há sete domínios:

- 1- Enunciado Prosódico ou Fonológico (U)
- 2 – Frase entonacional (I)
- 3 – Frase fonológica ( $\Phi$ )

- 4- Grupo clítico (C)
- 5 – Palavra fonológica ( $\omega$ )
- 6 – Pé ( $\Sigma$ )
- 7 – Sílabas ( $\sigma$ )

Partindo do conceito mais abaixo na hierarquia, temos as seguintes definições:

A *Sílabas* ( $\sigma$ ) é a menor unidade prosódica. Apesar de NESPOR & VOGEL 1986 defenderem que a sílabas não tem estrutura interna (cf. COLLISCHON 1996: 97), adotarei a estruturação silábica da fonologia métrica e/ou auto-segmental (que segmenta a sílabas em *onset* ou ataque, rima, núcleo e coda) para uma descrição mais precisa dos lapsos.

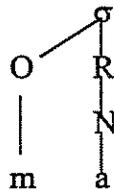
De acordo com GOLDSMITH (1990:108),

“Trabalhos a respeito da estrutura interna da sílabas chegaram a uma conclusão pouco surpreendente de que a sílabas é um constituinte fonológico composto de zero ou mais consoantes, seguidas por uma vogal e terminando com uma cadeia mais curta de zero ou mais consoantes. (...) O núcleo é geralmente chamado de pico (...) [e] é obrigatório” e “(...) o núcleo e a coda formam uma unidade que é chamada de rima (...)”.

Assim, a estrutura da sílabas que estamos levando em consideração é:



Ex: a palavra “mala” tem duas sílabas:



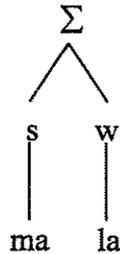
Um estudo prosódico dos lapsos que leve em consideração a proeminência acentual necessita de uma noção silábica específica, pois

“Regras prosódicas envolvendo tons e acento dão atenção especial à estrutura silábica da palavra.”(GOLDSMITH 1990:113) e

“A estrutura silábica pode afetar a probabilidade do falante em cometer um lapso num dado elemento fonológico.” (STEMBERGER 1993:57)

O Pé ( $\Sigma$ ) é uma estrutura hierárquica menor ou igual à palavra. Ele pode ser binário (forte/fraco = pé troqueu ou fraco/forte = pé iâmbico) ou n-ário. No modelo prosódico, ele é n-ário, como os demais constituintes. O pé é uma estrutura relativa que

se caracteriza por ser forte ou fraco somente em relação a outros elementos. Ex: a palavra “mala” constitui um pé troqueu pois, em relação à sílaba /la/, /ma/ é forte <sup>30</sup>:



A *Palavra Fonológica* ( $\omega$ ) é a categoria que domina imediatamente o pé. Ela é o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática. Ex: na oração “A mala do moço está pesada”, as palavras fonológicas estão marcadas a seguir:

[A]  $\omega$  [mala]  $\omega$  [do]  $\omega$  [moço]  $\omega$  [está]  $\omega$  [pesada]  $\omega$

O *Grupo Clítico* (C) é constituído da palavra fonológica e seus clíticos (palavras funcionais átonas, tais como artigos)<sup>31</sup>. Ex: na mesma oração, os grupos clíticos são:

[A mala]c [do moço]c [está]c [pesada]c

A *Frase Fonológica* ( $\Phi$ ) “é o constituinte que agrupa um ou mais grupos clíticos” (NESPOR & VOGEL 1986:165). Segundo ABAURRE, GALVES & SCARPA (1999:300), “(...) a vogal acentuada é o *locus* de proeminência relativa da frase fonológica no português brasileiro (...)” e “(...) a definição de Nespor e Vogel para a

<sup>30</sup> s = *strong*, forte; w = *weak*, fraco.

regra de formação da frase fonológica refere-se indiretamente ao acento, uma vez que é baseada na noção de lado não recursivo do constituinte, e na introdução da noção de ‘proeminência relativa’(...)” (p.302). Ex: na mesma oração, as frases fonológicas (com as vogais acentuadas em negrito) são:

[A mala do moço]  $\phi$  [está **pesada**]  $\phi$

A *Frase Entonacional* (I) é a menor unidade capaz de expressar conteúdo informativo que contém uma proeminência acentual (acento nuclear). Ela, inclusive, pode ser composta por uma única palavra. No mesmo exemplo, teríamos as seguintes frases entonacionais (a palavra em negrito indica a proeminência acentual da oração):

[A mala do moço está **pesada**]  $I$

E o *Enunciado Fonológico* (U) é composto de uma ou mais frases entonacionais:

[ [A mala do moço está **pesada**]  $I$  [porque carrega livros]  $I$ ]  $U$

---

<sup>31</sup> Em comunicação pessoal, SCARPA comenta que o grupo clítico pode ser subsumido pelos níveis da palavra fonológica e/ou da frase fonológica (vide SELKIRK 1984).

### *4.3. Algumas Hipóteses*

A prosódia parece estar envolvida de maneira crucial na ocorrência dos lapsos. Nesse sentido, levantar hipóteses relativas aos aspectos prosódicos desse fenômeno linguístico pode fornecer contribuições significativas para o estudo da linguagem em geral. Antes de apresentá-las, porém, vejamos como outros autores analisaram os contornos supra-segmentais dos lapsos.

Ao pesquisar lapsos acentuais e entonacionais para propor contribuições relativas à organização do léxico mental, CUTLER 1980 afirma que eles apresentam evidências para a hipótese de independência dos traços supra-segmentais na produção da sentença. Foram estudados os lapsos de acento lexical (nos quais itens lexicais recebem o acento tônico numa sílaba átona), os de acentuação da sentença e os de contorno entonacional.

Em relação aos lapsos de acento lexical, haveria duas explicações possíveis: ou ocorreria metátese do acento ou uma amálgama de formas adjacentes. Esta última explicação, porém, pressupõe que a organização interna da lista do programa motor está baseada no som, e alguns dos erros não soam como distratores. Assim, o léxico seria dividido em seções de acordo com o padrão acentual.

Os lapsos de acentuação da sentença, por sua vez, seriam explicados ou como mudanças de traços acentuais de duas palavras ou como erros envolvendo mudança de marcação gramatical. Por exemplo, verificou-se uma tendência de substantivos substituírem substantivos em nomes compostos que tenham pelo menos um padrão acentual e um elemento comum. Também foi constatado que é possível que um acento contrastivo errôneo não produza um erro, mas sim um efeito contextual não desejado pelo falante.

Finalmente, nos lapsos de contorno entonacional, observou-se que um contorno final pode não ser aplicado quando deveria ou ser aplicado quando não deveria, dando a impressão de que o falante ou mudou de idéia ou pretende eliminar possíveis ambiguidades.

Considerando aspectos prosódicos na manifestação dos lapsos, foram elaboradas três hipóteses:

1ª) *Incidência do Lapso no Acento Nuclear*: é verificado se o lapso incide na palavra portadora de acento nuclear (manifestação fonética proeminente, i.e., foco) do enunciado. Essa hipótese é baseada em indícios de que há uma maior probabilidade de ocorrência de lapsos em sílabas fortes/nucleares e em posições centrais. Lapsos surgiriam, portanto, em trechos de maior fluência e estabilidade formal do enunciado, diferentemente das disfluências. Além disso, eles preservariam a estrutura prosódica apesar de subverterem os eixos paradigmático e sintagmático.

2ª) *Trocas de Onsets*: foi analisado se a tendência de lapsos apresentarem trocas de *onsets* em relação ao alvo é freqüente ou não<sup>32</sup>.

3ª) *Frase Entonacional (I) como Fronteira de Lapsos*: essa hipótese, que é o fundamento deste trabalho, foi elaborada a partir de colocações de BOOMER & LAVER 1968/1973 referentes ao domínio de ocorrência de lapsos. Embora esses autores tenham seus argumentos e conclusões de acordo com o modelo prosódico proposto por HALLIDAY 1967, será interessante traçar um paralelo entre as constatações que eles fizeram e as que são desenvolvidas no presente trabalho, que se utiliza do modelo prosódico de NESPOR & VOGEL 1986.

---

<sup>32</sup> A manutenção da estrutura métrica do lapso em relação ao alvo não é escopo deste trabalho.

A respeito da extensão de lapsos fonológicos, STEMBERGER (1993:59) comenta que, em inglês, 2 consoantes (desordenadas entre si) geralmente estão separadas por menos de 7 palavras ou 7 sílabas, de acordo com BOOMER & LAVER 1968.

De fato, no artigo reimpresso em FROMKIN 1973 (BOOMER & LAVER 1973:125), eles dizem que a análise da “(...) estrutura canônica em inglês [é feita] em termos dos quais até 3 segmentos consonantais iniciais são possíveis, e até 4 segmentos consonantais finais com o segmento nuclear localizado no meio”, totalizando 7 palavras ou sílabas.

Na verdade, essa extensão-limite de 7 palavras ou sílabas sugerida por BOOMER & LAVER provavelmente não seria linear, i.e., haveria uma estrutura prosódica subjacente a elas. Dito de outra forma, essas palavras ou sílabas devem comportar uma parentetização prosódica. Nesse sentido, a ocorrência de lapsos, embora envolva fundamentalmente a estrutura silábica, também obedece à estruturação prosódica do enunciado, conforme admitem os autores - embora eles sigam modelos prosódicos diferentes do tratado neste trabalho. Dizem eles:

“(...) aspectos supra-segmentais relevantes para unidades articulatórias de ordem superior tais como a sílaba, o pé e o grupo tonal estão envolvidos centralmente na determinação dos lapsos (...)” (BOOMER & LAVER 1973:127)

Desta forma, será verificado, nos nossos dados, se a frase entonacional é o domínio de ocorrência tanto de lapsos paradigmáticos quanto sintagmáticos.

No caso dos lapsos paradigmáticos, apesar de a substituição metafórica ser local, i.e., se dar no mesmo ponto do enunciado, será verificado se a fronteira para essa substituição envolve a menor unidade capaz de expressar conteúdo informativo que

contenha uma proeminência acentual (acento nuclear), podendo, inclusive, ser composta por uma única palavra; ou seja, será verificado se o lapso ocorre na palavra sobre a qual incide a(s) sílaba(s) nuclear(es) de uma frase entonacional.

#### 4.4. Descrição dos dados

Os dados serão descritos e analisados de acordo com suas características mais relevantes, sejam elas semânticas (no eixo paradigmático ou metafórico), sintáticas (no eixo sintagmático ou metonímico), fonéticas e/ou fonológicas. Desta forma, eles poderão ser melhor contextualizados para a realização de uma análise prosódica.

Começemos pelos lapsos paradigmáticos:

##### 1. Durante uma aula.

*Alvo:* [ [ [Não é]  $\phi$  [nada complicado]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [pensar assim]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* Não é nada simples pensar assim.

Semanticamente, as palavras “simples” e “complicado” são antônimas; prosodicamente, elas são as palavras portadoras de acento nuclear. Não há trocas de *onsets*.

##### 2. Comentário.

*Alvo:* [ [ [É importante]  $\phi$  [escolher bem]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [a armação dos óculos]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... a armadura dos óculos.

Além da identidade fonético-fonológica entre as duas primeiras sílabas de “armação” e “armadura”, o radical de ambas é o mesmo, havendo opções seletivas diversas (motivadas talvez pelo fato do conceito de ambas remeter à noção de “prisão”) em um mesmo paradigma derivacional. Houve substituição do *onset* da terceira sílaba de “armadura” em relação a “armação”.

##### 3. Durante uma conversa.

*Alvo:* [ [ [Ninguém imagina]  $\phi$  ] ] [ [o que a poluição]  $\phi$  [pode causar]  $\phi$  ] ] ]  $\cup$

*Produção:* ... a população pode causar.

“Poluição” e “população” também são foneticamente semelhantes; o *onset* da segunda sílaba de “poluição” (a lateral /l/) foi trocado pela oclusiva bilabial surda /p/, talvez numa perseveração metonímica.

#### 4. Bronca.

*Alvo:* [ [ [Pede permissão]  $\phi$  ] ] [ [que a casa]  $\phi$  [é minha]  $\phi$  ] ] ]  $\cup$ !

*Produção:* Pede ordem que a casa é minha!

Aquele que ordena é quem pode conceder permissões.

#### 5. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Isso]  $\phi$  [me preocupou]  $\phi$  [muito]  $\phi$  ] ] ]  $\cup$

*Produção:* ... me questionou muito.

Os verbos “preocupar” e “questionar” podem ser relacionados na medida que a preocupação pode ter sido referente a uma dúvida. Houve trocas de *onset* nas três sílabas do alvo em relação ao lapso.

#### 6. Ao cantar uma canção.

*Alvo:* [ [ [Hoje eu contei]  $\phi$  [pras paredes]  $\phi$  ] ] ]  $\cup$

*Produção:* Hoje eu cortei pras paredes...

A substituição do verbo “contei” pelo verbo “cortei” revela a troca da nasalidade da vogal pela retroflexa /R/; houve preenchimento da coda da primeira sílaba do lapso em relação ao alvo, mas não houve trocas de *onset*.

7. Comentário relativo a acidente.

*Alvo:* [ [ [O cara não conseguiu]  $\phi$  [fazer a curva]  $\phi$  ]<sub>1</sub> [ [e tombou]  $\phi$  [num tronco de eucalipto]  $\phi$  ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... num toco de paralelepípedo.

O lapso se localiza nas palavras portadoras do acento nuclear, que são os últimos itens lexicais da frase entonacional. A primeira sílaba de “tronco” (/trõ/) perdeu sua ramificação no *onset* e sua nasalidade no núcleo e converteu-se em /to/. O item lexical “eucalipto” foi substituído por “paralelepípedo”.

8. Comentário a respeito de pequenas gotas que caem da árvore.

*Alvo:* [ [ [É urina]  $\phi$  [de cigarra]  $\phi$  ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... de guitarra.

A substituição paradigmática de “cigarra” por “guitarra” provavelmente envolveu não só aspectos referentes à uma quase identidade fonética (/sigaxa/ e /gitaxa/, respectivamente), mas também pode ter envolvido questões relativas à experiência sensorial: o ruído produzido por cigarras pode ser semelhante ao ruído produzido por guitarras. O lapso incidiu nas sílabas portadoras do acento nuclear do último item lexical da frase entonacional e houve troca dos *onsets* das duas primeiras sílabas do lapso em relação ao alvo (/sɪ/Π/gɪ/ e /gɑ/ Π /ta/).

9. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Ele está]  $\phi$  [de cavanhaque]  $\phi$  ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... de conhaque.

Nesse caso parece ter havido uma seleção semântica equivocada. O lapso incidiu na sílaba portadora de acento nuclear do último item lexical da frase

entonacional; o núcleo da primeira sílaba do alvo foi substituído (/ka/ Π/ko/) e a segunda sílaba foi suprimida.

10. Mulher comenta o fato de um pai ter levado os filhos ao restaurante.

*Alvo:* [ [ [A conta] ◊ [foi as-tro-nô-mi-ca] ◊ ] ] ] U

*Produção:* ... gas-tro-nô-mi-ca.

Aqui, podemos interpretar esse lapso de duas formas: como tendo havido a inserção do fonema /g/ no *onset* da primeira sílaba do alvo ou como tendo havido uma substituição lexical completa, de um item lexical por outro diferente em termos de características semânticas. Há ainda uma terceira possibilidade: a de ter havido um cruzamento entre as duas explicações acima. O lapso incidiu na palavra portadora de acento nuclear, no último item lexical da frase entonacional.

11. Durante um seminário.

*Alvo:* ... [ [ [a alma] ◊ [é imortal] ◊ ] ] ] U

*Produção:* ... é imoral.

O contexto desse dado é interessante tanto do ponto de vista lingüístico quanto psicanalítico. A situação foi a seguinte: uma jovem cometeu esse lapso durante a apresentação de um seminário de neurolingüística que envolvia conceitos filosóficos a respeito da imortalidade da alma. Imediatamente antes da apresentação, ela havia comentado que estava sendo galanteada por um rapaz. Entretanto, ela estava namorando com um outro jovem; apesar disso, ela admitiu que se sentia atraída pelo galanteador – o que, socialmente, é considerado *imoral*.

As palavras “imoral” e “imortal” diferem foneticamente em relação à ausência do fonema /t/ no *onset* da terceira sílaba do alvo em relação ao lapso. A

ocorrência desse lapso se deu no último item lexical da frase entonacional, i.e., na palavra portadora de acento nuclear.

12. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [O que é]  $\phi$  [oração reduzida]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* ... resumida?

Houve troca dos *onsets* da segunda e terceira sílabas do lapso em relação ao alvo (/xeduzida/  $\Pi$  /xezumida/); o lapso ocorreu na palavra portadora de acento nuclear.

13. Apontando para o ventilador.

*Alvo:* [ [ [Liga]  $\phi$  [o ventilador]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>!

*Produção:* Liga o chuveiro!

Ligados, tanto o ventilador quanto o chuveiro refrescam. O lapso foi o último item lexical da frase entonacional.

14. Conselho de mãe.

*Alvo:* [ [ [Não força]  $\phi$  [a vista]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>!

*Produção:* Não força a luz!

É preciso haver uma boa luminosidade para não prejudicar a vista. O lapso ocorreu na palavra portadora do acento nuclear.

15. Ordem de mãe.

*Alvo:* [ [ [Fecha a porta]  $\phi$  [do quarto]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>!

*Produção:* ... do carro!

A porta faz parte tanto de um carro quanto de um quarto. Além disso, há a semelhança fonética (/kaxu/ e /kwartu/, respectivamente). O lapso incidiu no último item lexical da frase entonacional. A troca de *onset* ocorreu na segunda sílaba do lapso em relação ao alvo (/tu/[] /xu/) e houve inserção de retroflexa na coda da segunda sílaba do lapso.

16. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Era véspera] <sub>φ</sub> [de feriado] <sub>φ</sub> ] ] <sub>U</sub>

*Produção:* ... de carnaval.

Nesse caso, a substituição foi claramente motivada pelo contexto: carnaval é um feriado nacional no Brasil. Além disso, o lapso mais uma vez ocorreu na palavra portadora de acento nuclear.

17. Dúvida.

*Alvo:* [ [E como é que fica] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> [ [o RD em Mairinque] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> ?

*Produção:* ... em Mairiporã?

Tanto o alvo quanto o lapso são nomes de cidades; a primeira sílaba de ambos é idêntica. O lapso ocorreu no último item lexical da frase entonacional e não houve substituições de *onset*.

18. Durante uma conversa.

*Alvo:* [ [ [Vou pedir] <sub>φ</sub> [o retroprojektor] <sub>φ</sub> ] ] <sub>U</sub>

*Produção:* ... o retroprofessor.

Observamos uma troca dos *onsets* das terceira e quarta sílaba do lapso em relação ao alvo (/xetroprozetor/ Π /xetroprofesor/). O lapso foi a palavra portadora de acento nuclear.

19. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Essa água de coco] <sub>φ</sub> [é artificial] <sub>φ</sub> ] ] <sub>U</sub>

*Produção:* ... é anti-natural.

O lapso ocorrido no último item lexical da frase entonacional se caracterizou pela inserção de um prefixo no antônimo do alvo.

20. Comentário de uma jovem.

*Alvo:* [ [ [Acha] <sub>φ</sub> [que eu vou andar] <sub>φ</sub> [14km de terra] <sub>φ</sub> [na chuva] <sub>φ</sub> ] ] [ [e ficar atolada] <sub>φ</sub> ] ] <sub>U</sub> ?

*Produção:* ... e ficar entalada?

O lapso ocorreu na palavra portadora de acento nuclear, e a primeira sílaba do lapso foi substituída em relação ao alvo.

21. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Como é que chama] <sub>φ</sub> ] ] [ [a boate do Gugu] <sub>φ</sub> [e do Fallabela] <sub>φ</sub> ] ] <sub>U</sub> ?

*Produção:* ... do falavela?

Novamente o lapso é o último item lexical da frase entonacional; além disso, houve troca de *onset* na terceira sílaba do lapso em relação ao alvo: a oclusiva bilabial sonora foi substituída pela fricativa bilabial sonora (/bε/Π /vε/).

22. Sugestão.

*Alvo:* [ [ [Vamos comprar] <sub>φ</sub> [um petisco] <sub>φ</sub> ] ] <sub>U</sub> ?

*Produção: ... um belisco?*

Quem come petiscos, na verdade realiza a ação de “beliscar” (comer uma pequena quantidade de) alimentos. O item lexical “belisco” (ato de beliscar) nesse caso se relacionaria com o alvo “petisco” por uma via fonética (a oclusiva bilabial surda é substituída pela sonora: /pe/ Π /be/). Houve troca do *onset* da primeira sílaba do lapso em relação ao alvo; o lapso é a palavra portadora de acento nuclear.

23. Comentário a respeito de um jantar.

*Alvo:* [ [ [Nem tava] <sub>ϕ</sub> [cheio de pompa] <sub>ϕ</sub> ] ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... de popa.

Houve omissão da nasalidade da vogal da primeira sílaba do alvo. O lapso é o último item lexical da frase entonacional e não houve troca de *onsets*.

24. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Parece pouco caso] <sub>ϕ</sub> ] ]<sub>1</sub> [ [entrar com uma hora de atraso] <sub>ϕ</sub> ] ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... com uma hora de acaso.

O *onset* da segunda sílaba do item lexical “atraso” (/atrazu/, /tra/) foi substituído pela sílaba /ka/ presente no item lexical anterior (“caso” /kazu/), que é foneticamente semelhante, numa perseveração metonímica. Aqui, há praticamente uma sobreposição dos eixos paradigmático e sintagmático através da substituição metafórica do item lexical “atraso” por “acaso” e da troca de *onset* do lapso em relação ao alvo (/atrazu/ Π /akazu/). O lapso é a palavra portadora do acento nuclear.

Passemos agora à descrição e análise dos dados sintagmáticos, que serão apresentados em estruturas arbóreas por dois motivos:

- a) Evidenciar sobreposições de frases formulaicas, blocos cristalizados e trocas mútuas de DPs e VPs (que caracterizam os cruzamentos metonímicos de discursos no nível sintático) e
- b) Exibir o deslocamento da tonicidade das palavras juntamente com elas no perfil tônico da frase, que é fixado pela estrutura sintática (cf. FROMKIN 1971).

Dado sintagmático 1:

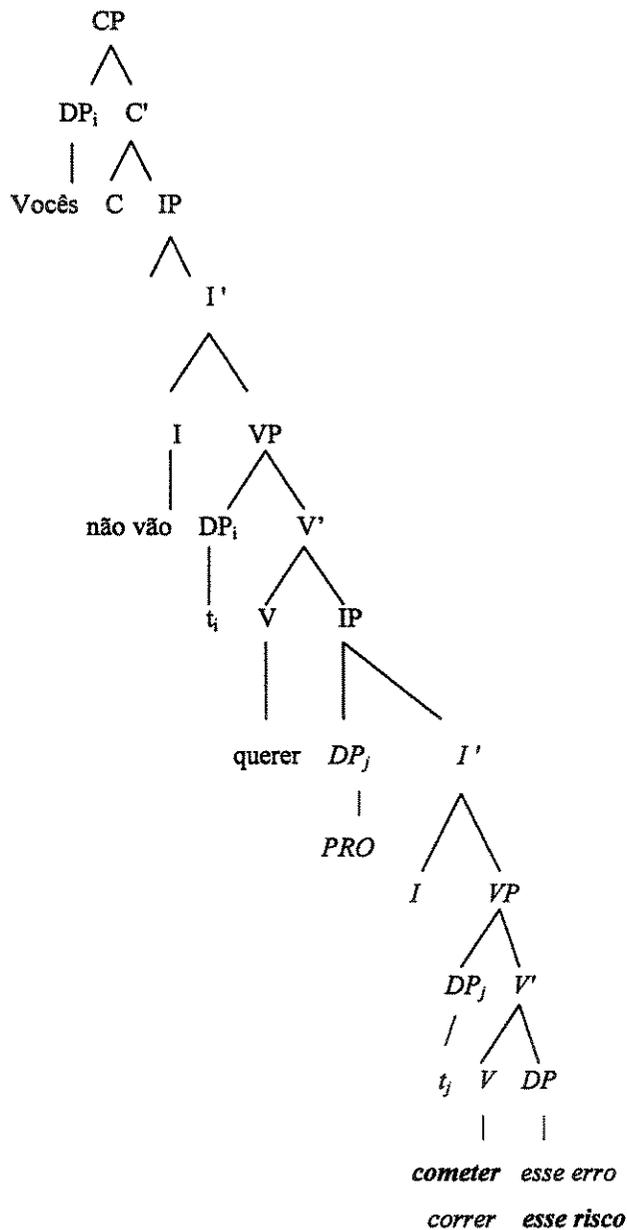
1. Durante uma aula de sintaxe.

*Alvo:* ... [ [ [vocês não vão querer]  $\phi$  [cometer esse erro/correr esse risco]  $\phi$  ] ]  $\bar{u}$  <sup>33</sup>

*Produção:* ... cometer esse risco.

---

<sup>33</sup> Os trechos sublinhados no alvo indicam a possibilidade do lapso poder remeter a dois alvos próximos e semelhantes.



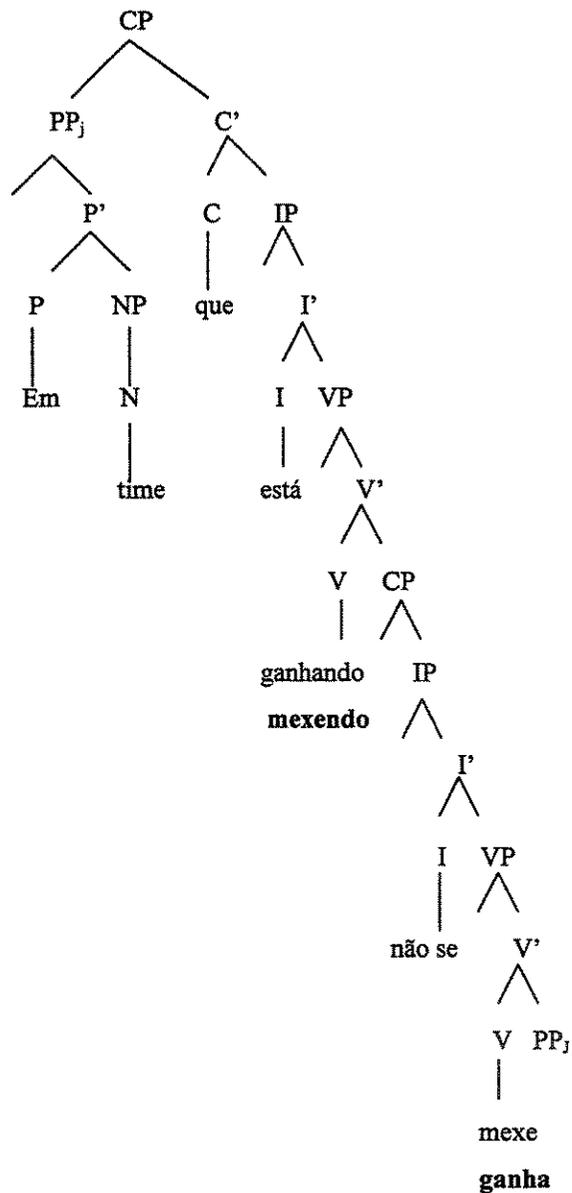
Apesar de ter sido classificado como um lapso sintagmático, esse dado também exibe uma dimensão semântica ao expor um cruzamento de discursos entre duas expressões formulaicas (“cometer esse erro”/ “correr esse risco”) ao decompô-las. Além disso, ele envolve a checagem de traços e papéis temáticos.

Dado sintagmático 2:

2. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Em time]  $\phi$  [que está ganhando]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [não se mexe]  $\phi$  ]<sub>U</sub>

*Produção:* Em time que está mexendo não se ganha.



A explicação desse lapso está relacionada a aspectos semântico-discursivos. O ditado popular, que era o alvo, sofreu uma subversão a nível verbal em função do contexto no qual esse lapso ocorreu. A pessoa que o cometeu estava indignada com as constantes alterações que o técnico de um conhecido time de futebol vinha fazendo na

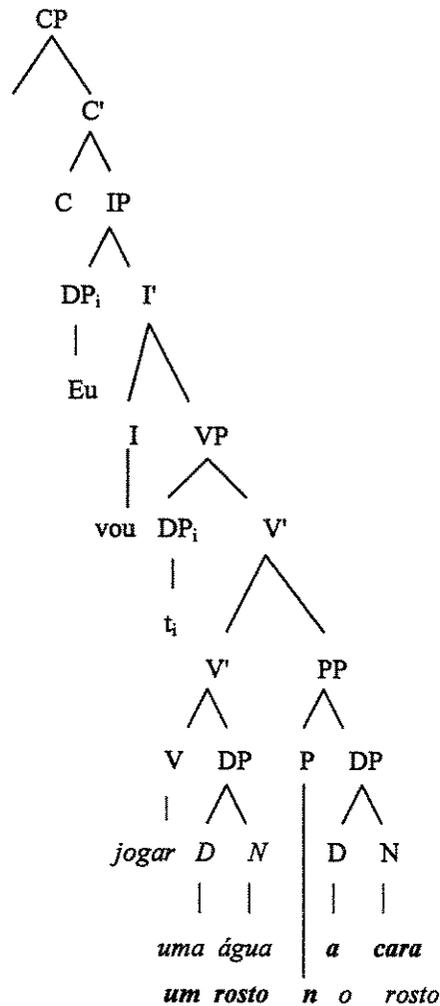
equipe, e talvez o falante acreditasse que essas alterações fossem as responsáveis pelas sucessivas derrotas que o time vinha sofrendo.

Dado sintagmático 3:

3. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Eu vou jogar]  $\phi$  [uma água no rosto/água na cara]  $\phi$ ] ] ]  $\cup$

*Produção:* ... um rosto na cara.



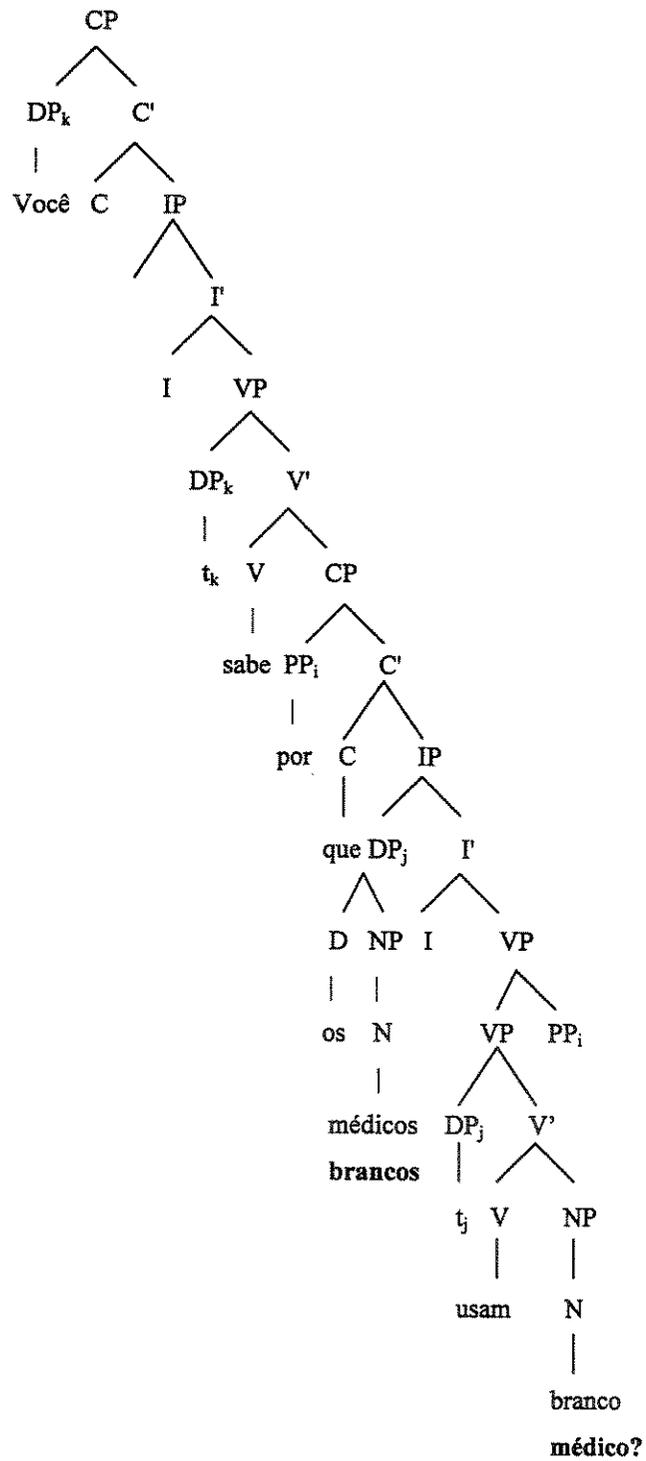
Esse dado exhibe uma sobreposição entre os eixos paradigmático e sintagmático. Se, por um lado, pode ter ocorrido uma substituição paradigmática da palavra “água” por “rosto”, por outro também pode ter havido uma seletividade semântica entre as expressões “água no rosto” e “água na cara”; os casos não estariam sendo atribuídos corretamente, resultando na sobreposição dos dois DPs destacados. O DP “o rosto” (que, assim como o DP “a cara” deveria receber caso acusativo nesta sentença) se sobrepõe ao DP “uma água” e o substitui, assumindo o mesmo caso que ele.

No dado sintagmático 4:

4. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você]  $\phi$  [sabe porque]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [os médicos]  $\phi$  [usam branco]  $\phi$  ] ]<sub>U</sub> ?

*Produção:* ... os brancos usam médico?



Esse dado revela vários cruzamentos discursivos que envolvem as noções de substantivo e adjetivo. No contexto desse lapso, a palavra “médicos” é um substantivo masculino plural que se refere à classe/categoria médica, enquanto “branco” é um substantivo equivalente à expressão “cor (substantivo feminino) branca (adjetivo flexionado)”; na subversão dos eixos metafórico e metonímico, a palavra “brancos” é um substantivo interpretado semanticamente como “grupo/conjunto de pessoas de pele branca/clara”, ao passo que a palavra “médico” parece assumir um aspecto de adjetivo (cf. MATTOSO CÂMARA 1976).

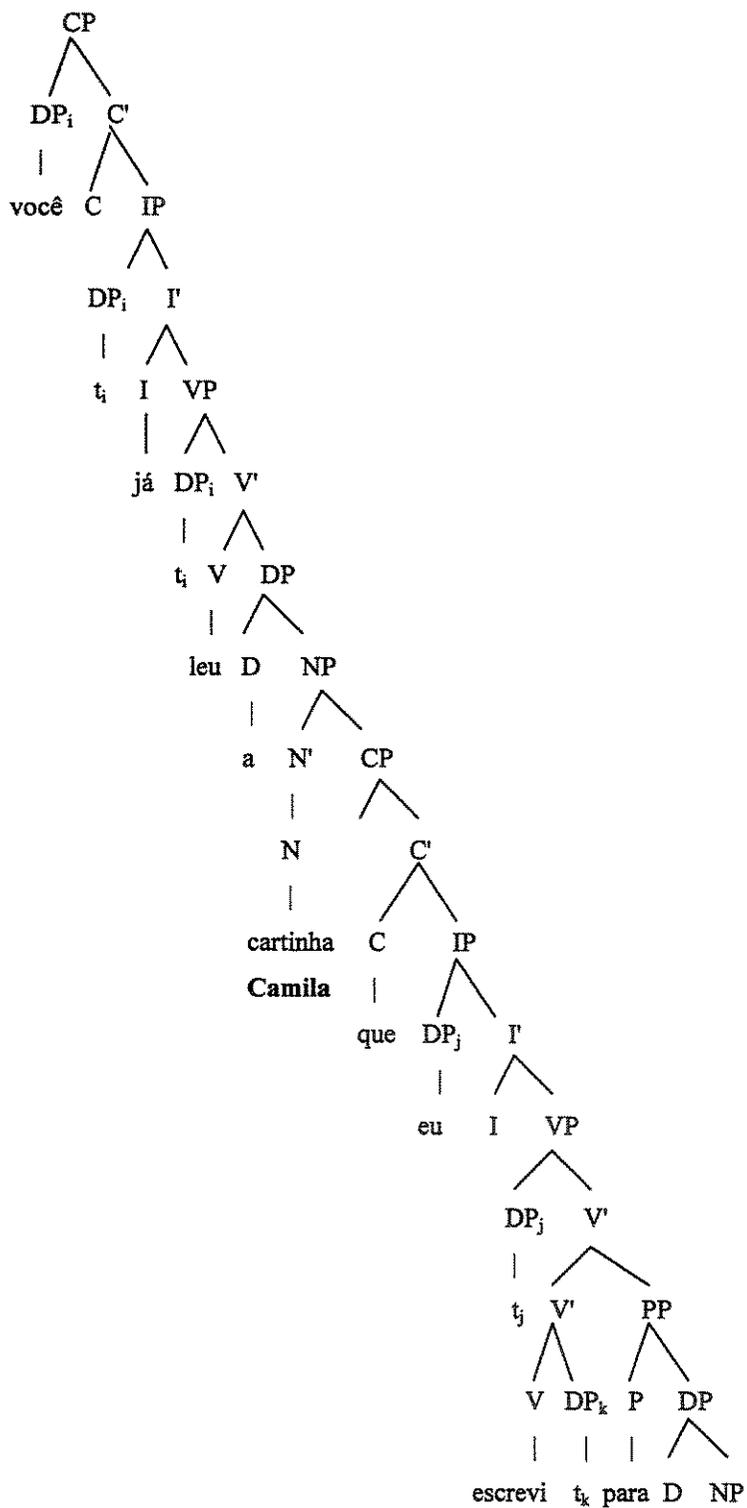
Portanto, o que esse dado exhibe é que, apesar de ter havido uma subversão dos eixos, ela não desrespeitou a plasticidade (i.e., as regras características) da linguagem na qual ela se manifestou (o português), promovendo ajustes de concordância em relação à posição sintática ocupada.

No dado sintagmático 5

##### 5. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você]  $\phi$  [já leu]  $\phi$  [a cartinha]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [que eu escrevi]  $\phi$  [pra Camila]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* Você já leu a Camila que eu escrevi pra cartinha?



a	N
	Camila?
	<b>cartinha?</b>

O N -objeto direto da oração principal foi substituído pelo N objeto indireto da oração subordinada (encaixada). Essa substituição pode ter sido motivada pela semelhança fonológica entre as palavras "cartinha" e "Camila" (ambas trissilábicas, paroxítonas e iniciadas por oclusiva velar surda seguida de vogal - /ka/). Também é possível constatar a presença da mesma melodia vocálica (mesmo *tier* melódico), com a manutenção da estrutura prosódica.

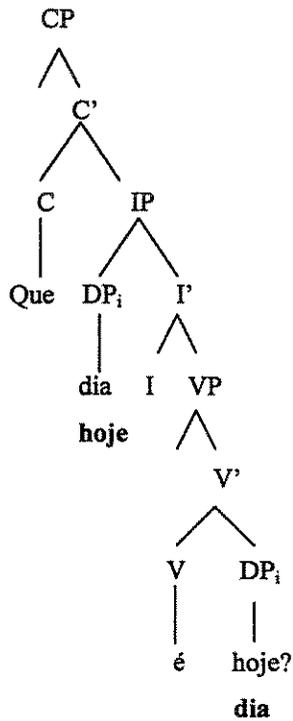
Houve troca dos *onsets* das terceira e quarta sílaba do lapso em relação ao alvo (/kɑrtiɲa/ Π /kɑmɪla/).

No dado sintagmático 6:

#### 6. Dúvida.

*Alvo:* [ [Que dia] <sub>ϕ</sub> [é hoje] <sub>ϕ</sub> ] <sub>Π</sub> <sub>U</sub>?

*Produção:* Que hoje é dia?



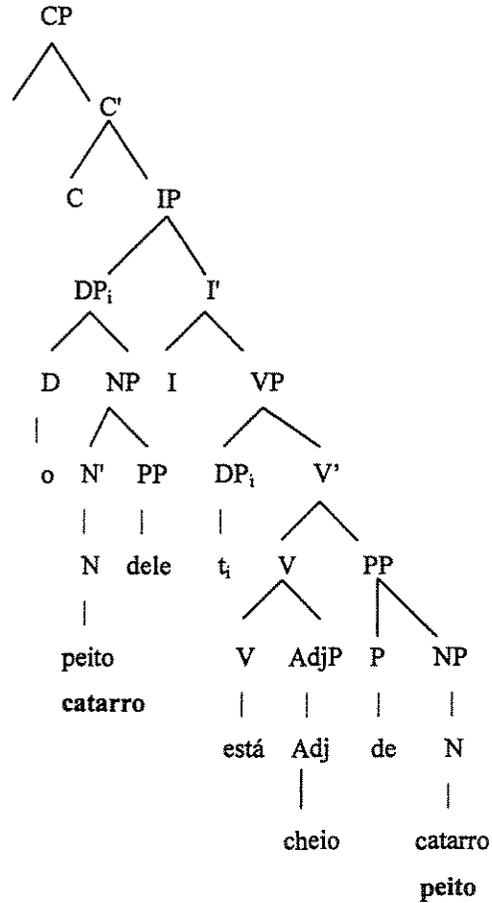
"Que dia é hoje", que é uma frase formulaica, considerada uma expressão congelada/cristalizada, foi decomposta pelo lapso. Porém, a decomposição não foi, de forma alguma, arbitrária: ocorreu uma troca mútua de DPs e uma sobreposição da estrutura profunda afirmativa e interrogativa.

No dado sintagmático 7

#### 7. Comentário.

*Alvo:* [[ [O peito dele]  $\phi$  [está cheio de catarro]  $\phi$ ] ]  $\bar{U}$

*Produção:* O catarro dele está cheio de peito.



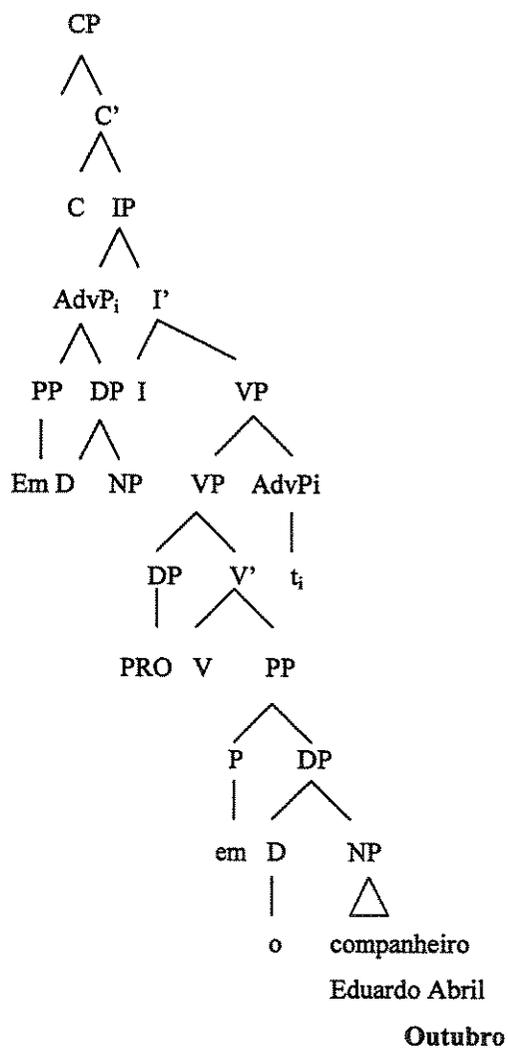
O N do núcleo do sujeito foi substituído pelo N do núcleo do adjunto preposicional nessa relação metonímica de contingente/conteúdo.

No dado sintagmático 8:

8. Durante um discurso.

*Alvo:* [ [ [No dia 1°]  $\phi$  [de outubro]  $\phi$ ] <sub>I</sub> [ [votem]  $\phi$  [no companheiro]  $\phi$  [Eduardo Abril]  $\phi$ ] <sub>I</sub> ] <sub>V</sub>

*Produção:* No dia 1° de abril votem no companheiro Eduardo Outubro



Houve uma troca de NPs pertencentes ao mesmo campo semântico (meses do ano) e entre duas frases entonacionais.

9. Solicitação durante almoço.

*Alvo:* [ [ [Pega o melão] <sub>φ</sub> [na geladeira] <sub>φ</sub> ] ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... o gelão na meladeira.

O lapso gerou dois logatomos (palavras inventadas que seguem o padrão silábico e métrico de uma determinada língua) que poderiam se converter em neologismos aceitáveis em português: "gelão" seria "um gelo de grandes proporções" e "meladeira" poderia ser um "eletrodoméstico que mela coisas". O *tier* vocálico é mantido e os onsets da primeira sílaba das palavras são trocados. Houve troca mútua dos *onsets* das primeiras sílabas (/me/ √ /ge/).

No dado sintagmático 10

10. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você viu]  $\phi$  [que vai ter]  $\phi$  [jantar dançante]  $\phi$  ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub> ?

*Produção:* ... dançar jantante?

ocorreu um processo semelhante: tanto "dançar" quanto "jantar" são verbos; porém, o verbo "jantar" tem seu uso particularmente consagrado como substantivo (ex: "o jantar está pronto"), ao passo que isso não acontece com "dançar"; "jantante", por sua vez, é uma palavra inexistente em português, mas que poderia existir e ser entendida como algo do tipo "adjetivo caracterizado por sufixo '-ante' e relacionado à atividade de 'jantar'". Houve a troca de *onsets* das primeiras sílabas do lapso e do alvo (/ʒẽ/ Π /dẽ/).

Em relação aos dados do projeto NURC, serão analisados apenas os metalapsos:

VOLUME II: Diálogos entre dois informantes – p.77 - INQUÉRITO 62 (D2 62) - BOBINA  
20: INFORMANTE 70

1.(informante 70: homem, 26 anos): olha mesmo com as especializações... [tem as boas espere/especializações]<sub>I</sub> as que dão dinheiro...

/ispre/ pode ser o início de pelo menos uma palavra existente em português (ex: “expremido”), mas não nesse contexto. Houve troca de *onset*.

VOLUME III: Entrevistas - p.77 - INQUÉRITO 137 (DID 137) - BOBINA 47: INFORMANTE 160

2. (homem, 41 anos): (...) eu fui com um cliente aliás muito amigo meu alugamos um carro em Nova Iorque e [fomos até Lojá/ Los Angeles de carro] <sub>1</sub> então uma viagem descontraída sem... compromissos ou sem horários definidos...

Esse dado pode ser fonologicamente transcrito da seguinte forma:

Lojá = /loʒã/

Los Angeles = /lozãʒɪɫs/

Lojá/Los Angeles = /loʒãlozãʒɪɫs/

Ocorre uma ressilabação da fricativa alveolar surda /s/ e a antecipação da fricativa palatoalveolar sonora /ʒ/, que substitui a fricativa alveolar sonora /z/. Houve a troca do *onset* da segunda sílaba da palavra fonológica /lozãʒɪɫs/.

VOLUME III: Entrevistas - p.131 - INQUÉRITO 235 (DID 235) - BOBINA 88: INFORMANTE 282

3. (idem 4): ah sopinhas de saco [sou es-PEcialista em (soquinhas)<sup>34</sup>] <sub>1</sub> sopinhas de sa/ ((riu)) em sopinhas Knorr e Maggi então... ((riu))

<sup>34</sup> De acordo com as convenções de transcrição do projeto NURC, o que estiver entre parênteses significa uma hipótese do que se ouviu.

A oclusiva bilabial surda /p/ é substituída pela oclusiva velar surda /k/ por contaminação antecipatória de "saco", que apresenta a seguinte transcrição fonológica: /saku/ ("sopinhas de saco" || "soquinhas" = /sopɨɲas dʒɨ saku/ → /sokɨɲas/). Além disso, essa substituição foi realizada na posição de *onset*.

## 4.5. Análise dos Dados

A análise dos 37 dados do meu *corpus* (24 lapsos paradigmáticos, 10 sintagmáticos e 3 metalapsos do Projeto NURC) revelou que:

- a) Nos 24 lapsos paradigmáticos, 75 % dos dados incidiu na palavra portadora de acento nuclear; 62,5% ocorrerem dentro de uma mesma frase entonacional e apresentaram troca de *onset*; exs:

(15) Comentário a respeito de pequenas gotas que caem da árvore.

*Alvo:* [ [ [É urina]  $\phi$  [de cigarra]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub> ?

*Produção:* ... de guitarra.

(16) Dúvida.

*Alvo:* [ [ [O que é]  $\phi$  [oração reduzida]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub> ?

*Produção:* ... resumida?

(17) Sugestão.

*Alvo:* [ [ [Vamos comprar]  $\phi$  [um petisco]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub> ?

*Produção:* ... um belisco?

- b) Os 10 lapsos sintagmáticos incidiram no acento nuclear em 100% dos casos; 30 % teve *onsets* trocados; 80 % ocorreu dentro da mesma frase entonacional (entre frases fonológicas) e 20 % ocorreram entre frases entonacionais; exs:

(18) Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você]  $\phi$  [sabe porque]  $\phi$ ] ]<sub>I</sub> [os médicos usam branco]  $\phi$ ] ]<sub>U</sub> ?

*Produção:* ... os brancos usam médico?

(19) Durante um discurso.

*Alvo:* [ [ [No dia 1°] <sub>φ</sub>[de outubro] <sub>φ</sub>] <sub>I</sub> [ [votem] <sub>φ</sub> [no companheiro] <sub>φ</sub> [Eduardo Abril] <sub>φ</sub>] <sub>I</sub> <sub>U</sub>

*Produção:* No dia 1° de abril votem no companheiro Eduardo Outubro

(20) Solicitação durante almoço.

*Alvo:* [ [ [Pega o melão] <sub>φ</sub> [na geladeira] <sub>φ</sub>] <sub>I</sub> <sub>U</sub>

*Produção:* ... o gelão na meladeira.

(21) Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você viu] <sub>φ</sub> [que vai ter] <sub>φ</sub> [jantar dançante] <sub>φ</sub>] <sub>I</sub> <sub>U</sub>?

*Produção:* ... dançar jantante?

- c) No caso dos 3 metalapsos, todos apresentaram trocas de *onsets* e ocorrência dentro da mesma frase entonacional; apenas o metalapso 2 não incidiu no último item lexical da frase entonacional:

VOLUME III: Entrevistas - p.77 - INQUÉRITO 137 (DID 137) - BOBINA 47:  
INFORMANTE 160

2. (homem, 41 anos): (...) eu fui com um cliente aliás muito amigo meu alugamos um carro em Nova Iorque e [fomos até Lojã/ Los Angeles de carro] <sub>I</sub> então uma viagem descontraída sem... compromissos ou sem horários definidos...

Do total de 37 dados, 81% incidiram na palavra portadora de acento nuclear; 56,7 % tiveram *onsets* trocados; 67,5 % ocorreram dentro da mesma frase entonacional e 32,4% ocorreram entre frases entonacionais adjacentes, mas nenhum deles ultrapassou o enunciado fonológico.

“D. A sílaba produzida e a sílaba-alvo de um lapso são metricamente semelhantes, pois ou ambas são tônicas ou ambas são fracas, com pares tônica/tônica predominando”.

A manutenção da estrutura métrica do lapso em relação ao alvo não é escopo deste trabalho; apesar disso, a próxima lei

“E. Lapsos segmentais obedecem a uma lei estrutural em relação à localização silábica, ou seja, segmentos iniciais na sílaba produzida substituem segmentos iniciais na sílaba-alvo, nucleares substituem nucleares e finais substituem finais.”

sugere que a organização do léxico mental pode se dar, dentre outros aspectos, em função da organização silábica; além disso, pode ser uma evidência de que o planejamento discursivo é local, i.e., o que se pretende dizer é elaborado quase que simultaneamente na fala. No caso dos dados analisados, a substituição de *onsets* de sílabas do lapso em relação ao alvo ocorreu conforme essa lei: *onsets* de sílabas iniciais substituíram iniciais, nucleares substituíram nucleares e finais substituíram finais.

Finalmente,

“F. Lapsos segmentais obedecem fonologicamente a regras de seqüência ortodoxa; ou seja, lapsos segmentais não resultam em seqüências não permitidas pela fonologia”.

Essa lei, que retoma a primeira lei de WELLS (1951)<sup>38</sup>, foi verificada em 100% dos dados, confirmando que o lapso respeita o sistema fonológico da linguagem

---

<sup>38</sup> WELLS (1951) (in FROMKIN 1973:86) definiu três leis para os lapsos:

em que ele ocorre; caso contrário, ele não seria passível de interpretação (i.e., não seria considerado um cruzamento discursivo) e, portanto, não poderia ser caracterizado como lapso.

Desta forma, a manifestação dos lapsos está inserida no padrão lingüístico da linguagem em que eles ocorrem; e, conforme foi visto neste trabalho, ela se dá de acordo com as propriedades prosódicas da língua em questão.

---

"Primeira Lei: um lapso é sempre um som foneticamente possível [i.e., "fonologicamente possível na linguagem em questão" (BOOMER & LAVER 173:126, nota de rodapé)]."

"Segunda Lei: se duas palavras originais (produzidas) forem ritmicamente semelhantes, uma amálgama delas será, com alta probabilidade, ritmicamente parecida com ambas."

"Terceira Lei: se as duas palavras originais (produzidas) contêm o mesmo som na mesma posição, uma amálgama delas irá conter aquele som naquela posição. "

Essas leis apresentam um esboço generalizado dos lapsos. A primeira lei, ao postular que um lapso sempre vai ser um som foneticamente possível, sistematiza uma constatação generalizada a respeito da ocorrência de lapsos, pois, do contrário, um lapso não pode ser caracterizado como tal na medida que não será passível de interpretação. Além disso, tanto a segunda lei, que aborda a semelhança rítmica de uma amálgama de palavras, quanto a terceira lei, que toca num aspecto fonético-fonológico do lapso ao mencionar a localização de um determinado som numa determinada posição, fazem referência à estrutura silábica da linguagem na qual o lapso se manifesta, exibindo a importância desse conceito para a manifestação de lapsos. Entretanto, conforme já foi salientado, a manutenção da estrutura métrica não é escopo deste trabalho.

#### 4.6. Análise Comparativa: Lapsos na Escrita

AZEVEDO (1985) faz um detalhado estudo do que ela chamou de “deslizes lexicais” em redações de universitários e pré-universitários. Ela categorizou esses deslizes como desvios a nível fonêmico-grafêmico, morfofonêmico e a nível intervocabular (semelhanças formais e semânticas).

A autora se baseia em pressupostos teóricos referentes aos *slips of the tongue* e *speech errors* e analisa seus dados de acordo com suas propriedades formais (substituições, adições, omissões e amálgamas de palavras ou segmentos), num enfoque cognitivista.

Entretanto, não é apresentada uma definição explícita do que seria um deslize lexical. Na verdade, nos deparamos com a descrição de um problema: o “emprego de um léxico inadequado ao seu contexto” (AZEVEDO 1985:3).

Nesse sentido, o esboço de uma distinção entre o que seria um lapso (ou deslize lexical) e um erro escolar é extremamente nebuloso.

De qualquer forma, é interessante traçar um paralelo entre o que a autora sugere e o que é apresentado neste trabalho. Ela postula que

“(…) os desvios lexicais que aparecem na escrita não diferem grandemente dos observados na fala.” (AZEVEDO 1985:4).

Vejamos alguns exemplos de cruzamentos de discursos<sup>39</sup>:

(23) A maneira de se comunicar é importante na vida de dodos nós.

---

<sup>39</sup> Dados do Anexo de AZEVEDO 1985: 238 e 244.

A dúvida aqui é se houve antecipação do fonema /d/, numa relação metonímica, ou sonorização do fonema /t/ em “todos”.

(24) ... tudo isso nos absorve e nos torna sós, tristes, rancinzas e egoístas...

Aqui ocorreu a substituição fonética de /z/ por /s/ (/xãzizas/ Π /xasizas/), gerando um item lexical inexistente em português, mas que pode ser interpretado como um substantivo (“rãs”) seguido de adjetivo (“cinzas”).

(25) Através da comunicação, expressamos nossos ansejos, nossas dores...

Nesse caso, é difícil saber se houve uma substituição da vogal /i/ pela consoante /z/ ou se ocorreu uma amálgama entre os itens lexicais “anseios” e “desejos”, muito próximos semanticamente.

Quase a totalidade dos dados de AZEVEDO poderiam ser caracterizados como lapsos paradigmáticos. Lapsos sintagmáticos parecem ser bastante raros na escrita, uma vez que o planejamento envolvido no ato de escrever possivelmente bloqueia cruzamentos discursivos no eixo metonímico.

Ao analisar lapsos cometidos por sujeitos normais e afásicos em sueco, porém, TALO 1980 constatou que lapsos paradigmáticos são mais freqüentes em afásicos, enquanto os lapsos sintagmáticos ocorrem em maior escala em sujeitos normais. Isso parece ser coerente com as dificuldades sintáticas enfrentadas pelos afásicos. Apesar da maioria dos dados do meu *corpus* neste trabalho consistir em lapsos paradigmáticos, seria interessante haver mais estudos sobre lapsos em português, de modo a comparar lapsos cometidos por adultos normais e lapsos cometidos por afásicos (as chamadas parafasias).

## Capítulo 5

### Conclusões

Os lapsos da língua, caracterizados como cruzamentos de discursos no falante nativo adulto, apresentam subversões dos eixos paradigmático/metafórico e sintagmático/metonímico na linguagem em que eles estão inseridos. Entretanto, os lapsos obedecem a determinadas restrições lingüísticas da língua em que se manifestam. Dentre essas restrições se encontram os limites prosódicos, que foram estudados neste trabalho.

Foi concluído que o lapso geralmente incide nas sílabas nucleares da frase entonacional, ao contrário das disfluências. Além disso, admitindo o fato de que “maior fluência e estabilidade encontram-se em partes cristalizadas, (...) fossilizadas, congeladas (...)”, era esperado que houvesse uma sobreposição do lapso sobre um bloco cristalizado e sua conseqüente ruptura. Em outras palavras, verificou-se que o lapso dissolve “blocos incorporados do discurso do outro, colocados em relação de contiguidade ou substituição discursiva.” (SCARPA 1995:179). Isso ocorre no seguinte exemplo do *corpus* deste trabalho, no qual um ditado popular sofreu uma inversão:

(26) Comentário.

*Alvo:* [Em time que está ganhando]  $\phi$  [não se mexe]  $\phi$ .

*Produção:* Em time que está mexendo não se ganha.

Desta forma, tanto os lapsos quanto as disfluências exibem pontos em que o sujeito se revela através do sistema lingüístico em que ele está inserido; porém, a fronteira prosódica que distingue lapsos de disfluências pode, por vezes, ser extremamente tênue, como vimos no caso dos metalapsos e reformulações.

Vimos também que a estrutura silábica e a tonicidade das sílabas do alvo e do lapso exercem um papel crucial na manifestação dos lapsos, que apresentaram uma tendência particularmente característica de terem *onsets* trocados.

Ao traçarmos um paralelo entre lapsos da linguagem oral e lapsos (ou deslizos lexicais) na escrita, constatamos que efetivamente não há grandes distinções entre ambos, inclusive em relação à predominância de lapsos paradigmáticos, sobretudo na escrita. Além disso, lapso e alvo pertencem à mesma categoria gramatical, de classe aberta (nomes são substituídos por nomes, verbos por verbos) e são ajustados ao contexto de ocorrência (cf. GARRETT 1980:186), tal como em (26) acima e em (18), que retomo aqui:

(18) Dúvida.

*Alvo:* [ [Você sabe porque]<sub>φ</sub> [os médicos usam branco]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ?

*Produção:* ... os brancos usam médico?

No que se refere à extensão de 7 palavras ou sílabas sugeridas por BOOMER & LAVER, não foi explicitado se tal extensão ocorre dentro de algum limite prosódico, mas, conforme demonstrado neste trabalho, evidências indicam que esse parece ser o caso. Se, por exemplo, essas 7 sílabas ou palavras estiverem inseridas numa parentização prosódica que as separe em dois enunciados prosódicos (U), como na estruturação abaixo, a manifestação de lapsos é praticamente impossível (\*):

\*[1]<sub>U</sub> [2 3 4 5 6 7]<sub>U</sub>      \*[1 2]<sub>U</sub> [3 4 5 6 7]<sub>U</sub>      \*[1 2 3]<sub>U</sub> [4 5 6 7]<sub>U</sub>  
\*[1 2 3 4]<sub>U</sub> [5 6 7]<sub>U</sub>      \*[1 2 3 4 5]<sub>U</sub> [6 7]<sub>U</sub>      \*[1 2 3 4 5 6]<sub>U</sub> [7]<sub>U</sub>

Se, por outro lado, essas 7 sílabas/palavras estiverem separadas em 2 frases entonacionais, a probabilidade de ocorrência de um lapso sintagmático existe, embora nos dados deste trabalho tivessem uma incidência menor (32,5%):

(?)[1]<sub>I</sub> [2 3 4 5 6 7]<sub>I</sub>    (?)[1 2]<sub>I</sub> [3 4 5 6 7]<sub>I</sub>    (?)[1 2 3]<sub>I</sub> [4 5 6 7]<sub>I</sub>  
 (?)[1 2 3 4]<sub>I</sub> [5 6 7]<sub>I</sub>    (?)[1 2 3 4 5]<sub>I</sub> [6 7]<sub>I</sub>    (?)[1 2 3 4 5 6]<sub>I</sub> [7]<sub>I</sub>

Porém, se essas 7 sílabas/palavras estiverem separadas em frases fonológicas e dentro de uma mesma frase entonacional, aí sim, a manifestação de lapsos é mais provável (67,5%):

[ [1]<sub>φ</sub> [2 3 4 5 6 7]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ✓    [ [1 2]<sub>φ</sub> [3 4 5 6 7]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ✓    [ [1 2 3]<sub>φ</sub> [4 5 6 7]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ✓  
 [ [1 2 3 4]<sub>φ</sub> [5 6 7]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ✓    [ [1 2 3 4 5]<sub>φ</sub> [6 7]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ✓    [ [1 2 3 4 5 6]<sub>φ</sub> [7]<sub>φ</sub> ]<sub>I</sub> ✓

Finalmente, pudemos estabelecer como domínio prosódico para a ocorrência de lapsos a frase entonacional; eles se manifestam majoritariamente dentro de uma mesma frase entonacional (67,5%) ou, em menor escala (32,4%), entre frases entonacionais, mas nunca ultrapassam o enunciado fonológico.

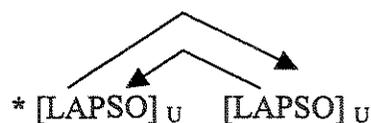
Portanto:

[ LAPSO ]<sub>I</sub> ✓    e    [ [LAPSO]<sub>I</sub> [LAPSO]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub> ✓



mas

\* [LAPSO]<sub>U</sub> [LAPSO]<sub>U</sub>



Desta forma, não há caos no lapso, por mais inesperado que ele seja. Na verdade, eles não ocorrem nem linearmente nem aleatoriamente: eles respeitam restrições da linguagem, pois é “a complacência do material lingüístico que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites.” (FREUD 1987:194-195).

A partir da análise aqui proposta, há vários caminhos a seguir, dentre os quais:

- a) Estudos da linguagem oral envolvendo a prosódia;
- b) O papel da prosódia na relação mente/cérebro/linguagem;
- c) Estudos neurolingüísticos de parafasias;
- d) Acentuação e estrutura silábica e métrica em PB;
- e) A organização do léxico mental em estudos cognitivistas (ex: planejamento discursivo).

# Anexo: dados

## LAPSOS DA LÍNGUA EM PORTUGUÊS DO BRASIL

### PARTE I: DADOS COLHIDOS EM SITUAÇÃO AMBIENTE <sup>T</sup>

#### *A. Lapsos Paradigmáticos*

1. Durante uma aula.

*Alvo:* [ [ [Não é] <sub>φ</sub> [nada complicado] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> [ [pensar assim] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> ] <sub>U</sub>

*Produção:* Não é nada simples pensar assim.

2. Comentário.

*Alvo:* [ [ [É importante] <sub>φ</sub> [escolher bem] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> [ [a armação dos óculos] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> ] <sub>U</sub>

*Produção:* ... a armadura dos óculos.

3. Durante uma conversa.

*Alvo:* [ [ [Ninguém imagina] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> [ [o que a poluição] <sub>φ</sub> [pode causar] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> ] <sub>U</sub>

*Produção:* ... a população pode causar.

4. Bronca.

*Alvo:* [ [ [Pede] <sub>φ</sub> [permissão] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> [ [que a casa] <sub>φ</sub> [é minha] <sub>φ</sub> ] <sub>I</sub> ] <sub>U</sub>!

*Produção:* Pede ordem que a casa é minha!

---

<sup>T</sup> Os lapsos estão segmentados em frases fonológicas e entonacionais e enunciados fonológicos; reticências indicam correspondência entre alvo (o que se pretendia dizer) e produção (o que foi dito efetivamente).

5. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Isso]  $\phi$  [me preocupou]  $\phi$  [muito]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... me questionou muito.

6. Ao cantar uma canção.

*Alvo:* [ [ [Hoje eu contei]  $\phi$  [pras paredes]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* Hoje eu cortei pras paredes...

7. Comentário relativo a acidente.

*Alvo:* [ [ [O cara]  $\phi$  [não conseguiu]  $\phi$  [fazer a curva]  $\phi$  ] ] [ [e tombou]  $\phi$  [num tronco de eucalipto]  $\phi$  ] ] U

*Produção:* ... num toco de paralelepípedo.

8. Comentário a respeito de pequenas gotas que caem da árvore.

*Alvo:* [ [ [É urina]  $\phi$  [de cigarra]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... de guitarra.

9. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Ele está]  $\phi$  [de cavanhaque]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... de conhaque.

10. Comentário a respeito da conta num restaurante.

*Alvo:* [ [ [A conta]  $\phi$  [foi as-tro-nô-mi-ca]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... gas-tro-nô-mi-ca.

11. Durante um seminário.

*Alvo:* ... [ [ [a alma]  $\phi$  [é imortal]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... é imoral.

12. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [O que é]  $\phi$  [oração reduzida]  $\phi$ ] ] ] U ?

*Produção:* ... resumida?

13. Apontando para o ventilador.

*Alvo:* [ [ [Liga]  $\phi$  [o ventilador]  $\phi$ ] ] ] U!

*Produção:* Liga o chuveiro!

14. Conselho.

*Alvo:* [ [ [Não força]  $\phi$  [a vista]  $\phi$ ] ] ] U!

*Produção:* Não força a luz!

15. Ordem.

*Alvo:* [ [ [Fecha a porta]  $\phi$  [do quarto]  $\phi$ ] ] ] U!

*Produção:* ... do carro!

16. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Era véspera]  $\phi$  [de feriado]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... de carnaval.

17. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [E como é que fica]  $\phi$  ] ] [ [o RD em Mairinque]  $\phi$ ] ] ] U?

*Produção:* ... em Mairiporã?

18. Durante uma conversa.

*Alvo:* [ [ [Vou pedir]  $\phi$  [o retroprojektor]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... o retroprofessor.

19. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Essa água de coco]  $\phi$  [é artificial]  $\phi$ ] ] ] U

*Produção:* ... é anti-natural.

20. Comentário de uma jovem.

*Alvo:* [ [ [Acha]  $\phi$  [que eu vou andar]  $\phi$  [14km de terra]  $\phi$  [na chuva]  $\phi$  ] ]<sub>I</sub> [ [e ficar atolada]  $\phi$  ] ]<sub>U</sub>?

*Produção:* ... e ficar entalada?

21. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Como é que chama]  $\phi$  ] ]<sub>I</sub> [ [a boate do Gugu]  $\phi$  [e do Fallabela]  $\phi$  ] ]<sub>U</sub>?

*Produção:* ... do falavela?

22. Sugestão.

*Alvo:* [ [ [Vamos comprar]  $\phi$  [um petisco]  $\phi$  ] ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* ... um belisco?

23. Comentário a respeito de um jantar.

*Alvo:* [ [ [Nem tava]  $\phi$  [cheio de pompa]  $\phi$  ] ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... de popa.

24. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Parece pouco caso]  $\phi$  ] ]<sub>I</sub> [ [entrar com uma hora de atraso]  $\phi$  ] ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... com uma hora de acaso.

## **B. Lapsos Sintagmáticos**

1. Durante uma aula de sintaxe.

*Alvo:* ... [ [ [você não vão querer]  $\phi$  cometer esse erro/correr esse risco]  $\phi$  ] ]<sub>U</sub><sup>40</sup>

*Produção:* ... cometer esse risco.

2. Comentário.

---

<sup>40</sup> Os trechos sublinhados no alvo indicam a possibilidade do lapso remeter a dois alvos próximos e semelhantes.

*Alvo:* [ [ [Em time]  $\phi$  [que está ganhando]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [não se mexe]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* Em time que está mexendo não se ganha.

3. Comentário.

*Alvo:* [ [ [Eu vou jogar]  $\phi$  [uma água no rosto/água na cara]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... um rosto na cara.

4. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você]  $\phi$  [sabe porque]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [os médicos usam branco]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* ... os brancos usam médico?

5. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você]  $\phi$  [já leu]  $\phi$  [a cartinha]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [que eu escrevi]  $\phi$  [pra Camila]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* Você já leu a Camila que eu escrevi pra cartinha?

6. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Que dia]  $\phi$  [é hoje]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* Que hoje é dia?

7. Comentário.

*Alvo:* [ [ [O peito dele]  $\phi$  [está cheio de catarro]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* O catarro dele está cheio de peito.

8. Durante um discurso.

*Alvo:* [ [ [No dia 1°]  $\phi$  [de outubro]  $\phi$  ]<sub>I</sub> [ [votem]  $\phi$  [no companheiro]  $\phi$  [Eduardo  
Abril]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* No dia 1° de abril votem no companheiro Eduardo Outubro

9. Solicitação durante almoço.

*Alvo:* [ [ [Pega o melão]  $\phi$  [na geladeira]  $\phi$  ]<sub>I</sub> ]<sub>U</sub>

*Produção:* ... o gelão na meladeira.

10. Dúvida.

*Alvo:* [ [ [Você viu]  $\phi$  [que vai ter]  $\phi$  [jantar dançante]  $\phi$ ] ] ]<sub>1</sub> ]<sub>U</sub>?

*Produção:* ... dançar jantante?

## PARTE II: DADOS COLHIDOS DO PROJETO NURC

### *A. Metalapsos*

VOLUME II: Diálogos entre dois informantes – p.77 - INQUÉRITO 62 (D2 62) - BOBINA 20: INFORMANTE 70

1.(informante 70: homem, 26 anos): olha mesmo com as especializações... [tem as boas espere/especializações] ]<sub>1</sub> as que dão dinheiro...

VOLUME III: Entrevistas - p.77 - INQUÉRITO 137 (DID 137) - BOBINA 47: INFORMANTE 160

2. (homem, 41 anos): (...) eu fui com um cliente aliás muito amigo meu alugamos um carro em Nova Iorque e [fomos até Lojã/ Los Angeles de carro] ]<sub>1</sub> então uma viagem descontraída sem... compromissos ou sem horários definidos...

VOLUME III: Entrevistas - p.131 - INQUÉRITO 235 (DID 235) - BOBINA 88: INFORMANTE 282

3. (idem 4): ah sopinhas de saco [sou es-PEcialista em (soquinhas)<sup>41</sup>] I sopinhas de sa/ ((riu)) em sopinhas Knorr e Maggi então... ((riu))

## ***B. Hesitações***

VOLUME I: Elocuções Formais – p.74 - INQUÉRITO 156 (EF 156) - BOBINA 54:  
INFORMANTE 182

1.(mulher, 56 anos): ... para muitos de nós foi o primeiro contato em profundidade com a pintura e em último ca/lugar ... a elaboração da única meditação estética...

VOLUME II: Diálogos entre dois informantes – p.83 - INQUÉRITO 62 (D2 62) - BOBINA 20: INFORMANTE 69

2.(informante 69: homem, 26 anos): ...eles obrigam a maioria das firmas obrigam isso ele se apre/ ele se prende num contrato de DOIS anos terminando o curso... (p.83)

VOLUME III: Entrevistas – p.117 - INQUÉRITO 234 (DID 234) - BOBINA 88:  
INFORMANTE 281

3. (mulher, 44 anos): ... era uma coisa fora de de de de de de série a pessoa ir lá para se diver/distrair divertir voltava cansada de pegar uma fila enorme...

## ***C. Metalapsos paradigmáticos ou reformulações***

---

<sup>41</sup> De acordo com as convenções de transcrição do projeto NURC, o que estiver entre parênteses significa uma hipótese do que se ouviu.

VOLUME III: Entrevistas - p.128 - INQUÉRITO 235 (DID 235) - BOBINA 88:  
INFORMANTE 282

1. (mulher, 38 anos): ... porque não teria cabimento eu che/convidá-las pra jan/pra almoçar em casa e preparar um:: um prato do meu gosto... não é?

VOLUME III: Entrevistas - p. 159 - INQUÉRITO 242 (DID 242) - BOBINA 92:  
INFORMANTE 295

2. (mulher, 60 anos): bom isso também... essa re/ahn... respó/pergunta também eu::... tenho preocupação de responder...

## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

- ABAURRE, M.B.M., GALVES, C.C., & SCARPA, E.M. A Interface Fonologia-Sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In SCARPA, E.M. (org.) **Estudos de Prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p.285-323.
- AZEVEDO, L.F. **Deslizes Lexicais em Redações de Universitários e Pré-Universitários**. Tese de Doutorado. PUC-SP,1985.
- BOCK, K. & LEVELT, W. Language production: grammatical encoding. in: GERNSBACHER, M. A. (Ed) **Handbook of Psycholinguistics**. London: Academic Press, 1994. p. 945-984.
- BOOMER, D. S. & LAVER, J. D. M (1968) Slips of the Tongue. Reimpresso em V. FROMKIN (Ed). **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, 1973. p. 120-131.
- CAGLIARI, L. C. Da Importância da Prosódia na Descrição de Fatos Gramaticais. in: ILARI, R. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992a. Volume II: Níveis de Análise Linguística, p.33-64.
- CASTILHO, A.T. & PRETI, D. (org.) **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo (Projeto

NURC). São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1986. Volume I: Elocuções Formais.

\_\_\_\_\_ **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo (Projeto NURC).** São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1987. Volume II: Diálogos entre Dois Informantes

CASTRO, M. F. P. A Interpretação: a fala do Outro e a Heterogeneidade da fala da criança. in: **LETRAS (UFMS-RS)** n° 14, janeiro/junho 1997, p.125-138.

\_\_\_\_\_ Sobre a Interpretação e os efeitos da fala da criança. in: **Letras de Hoje.** Porto Alegre, n° 2, junho de 1998, v. 33, p.81-87.

CAVALCANTE, M. C. B. **Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê.** Tese de Doutorado. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. in BISOL, L. (org) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro.** Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 95-126.

CUTLER, A. Errors of Stress and Intonation. in V. FROMKIN (Ed). **Errors in Linguistic Performance: slips of the tongue, ear, pen, and hand.** London: Academic Press, 1980. p. 67-80.

FAY, D. & CUTLER, A. Malapropisms and the Structure of the Mental Lexicon. in: **Linguistic Inquiry**, 1977, Volume 8, number 3, p.505-520.

FIGUEIRA, R.A. O Erro como Dado de Eleição nos Estudos de Aquisição da Linguagem. in: PEREIRA DE CASTRO (org.). **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Edunicamp, 1996. p. 55-86.

FREUD, S. **A Interpretação das Afasias**. Um Estudo Crítico. Introdução de Armando Verdiglione: Matemática do Inconsciente. Tradução de Antonio Pinto Ribeiro. Lisboa: Marsilio Editori; São Paulo: Martins Fontes, 1977. Original italiano.

\_\_\_\_\_ **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FROMKIN, V. (1971) The Non-Anomalous Nature of Anomalous Utterances. Reimpresso em ----- (Ed.) **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, 1973. p. 215-269.

\_\_\_\_\_ (Ed) **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, 1973.

GARRETT, M.F. Sentence Processing. in OSHERSON, D.N & LASNIK, H. (Eds). **Language: an Invitation to Cognitive Science**. London: The MIT Press, 1990. volume 1, p.133-175.

- GOLDSMITH, J.A. **Autosegmental and Metrical Phonology**. Oxford: Blackwell, 1990.
- HALLIDAY, M.A.K (1967). The Tones of English. in W.E. JONES & J. LAVER (orgs). **Phonetics in Linguistics**. A book of readings. Oxford: Blackwell, 1973.
- HOCKETT, C.F. (1967). Where the tongue slips, there slip I. in V.FROMKIN (Ed). **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, 1973. p.93-119.
- HOTOPF, W.H.N. Semantic similarity as a factor in whole-word slip of the tongue. in V.FROMKIN. (Ed) **Errors in Linguistic Performance: Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand**. London: Academic Press, 1980. p.97-109.
- JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. in: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974, p.34-62.
- LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1966.
- LEMOS, C.T.G. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. in: **Boletim da Abralin** n° 3, 1982, p.97-126.
- \_\_\_\_\_ **Interacionismo e Aquisição de Linguagem**. D.E.L.T.A.1986, vol. 2, n° 2, p. 231-248.

\_\_\_\_\_ Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de  
Cámbio. **Substratum** 1992, volume 1, nº 1.

\_\_\_\_\_ Processos Metafóricos e Metonímicos: seu estatuto descritivo e  
explicativo na aquisição da língua materna. *Trabalho  
apresentado na The Trento Lectures and Workshop on  
Metaphor and Analogy; organizado pelo Instituto per la Ricerca  
Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo, 1997.*

\_\_\_\_\_ **Relatório Científico** (Período: de março de 1977 a março de  
1999): Em busca de uma alternativa à noção de  
desenvolvimento no processo de Aquisição da Linguagem: Parte  
II, 1999.

LEVELT, W. **Speaking**: from Intention to Articulation. Cambridge: the MIT  
Press, 1989.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Estrutura da Língua Portuguesa**.  
Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris  
Publications, 1986.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP:  
ABL: Mercado das Letras, 1996.

PRETI, D. & URBANO, H. (org) **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo (Projeto NURC)**. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1988. Volume III: Entrevistas.

\_\_\_\_\_ **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo (Projeto NURC)**. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1990. Volume IV: Estudos.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCARPA, E. M. Sobre o Sujeito Fluente. in: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, nº 29, p. 163-184.

SCLIAR-CABRAL, L. **Introdução à Psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

SELKIRK, E. O. **Phonology and Syntax: the Relation Between Sound and Structure**. Cambridge: the MIT Press, 1984.

SILVA, M.C.P.S. & KOCH, I.G.V. Estratégias de desaceleração do texto falado. in: KATO, M.A. (org) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. Volume V: Convergências. p.327-338.

STEMBERGER, J.P. Spontaneous and Evoked Slips of the Tongue. in BLANKEN, G.; DITTMAN, J.; GRIMM, H.; MARSHALL, J.

& C-W. WALLESCH (Eds) **Linguistic Disorders and Pathologies**. An International Handbook. Berlin: Walter de Gruyter, 1993. p. 53-65.

TALO, E.S. Slips of the tongue in Normal and Pathological Speech. in: V. FROMKIN. (Ed) **Errors in Linguistic Performance: Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand**. London: Academic Press, 1980. p. 81-86.

WELLS, R. Predicting Slips of the Tongue. in V. FROMKIN. (Ed) **Errors in Linguistic Performance: Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand**. London: Academic Press, 1980. p. 82-87.

WILSHIRE, C. E. The "Tongue Twister" Paradigm as a Technique for Studying Phonological Encoding. in: **Language and Speech** n° 42, 1992, volume 1, p. 57-82.